

# Seu Genésio, um homem do campo

Luiz Paiva de Castro

CONVÊNIO  
MOBRAL - FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO  
INL - INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A./MEC

CASTRO, Luiz Paiva de.

Seu Genésio, um homem do campo. Rio de Janeiro,  
MEC/MOBRAL/INL, 1975.

120 p.

ilust.

23,5 cm.

I. Título.

CDU: 869.0(81)

Seu Genésio,  
um homem do campo

PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Ernesto Geisel

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
Ney Braga

PRESIDENTE DO MOBRAL  
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO  
Marcos de Carvalho Candau

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO  
Luiz Octavio Albuquerque Souza e Silva

DIRETOR DO INL  
Herberto Sales

Luiz Paiva de Castro

Seu Gênésio,  
um homem do campo

Prefácio de Fausto Cunha

Ilustrações de Ragmar Jogerblad

CONVÊNIO  
MOBRAL - FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO  
INL - INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A./MEC  
Rio de Janeiro Guanabara 1975

## Prefácio

Seu Genésio, um homem do campo, de Luiz Paiva de Castro, é um dos livros premiados no concurso que o MOBREAL instituiu para a escolha de textos de interesse literário e educativo.

Os livros escolhidos pela comissão julgadora abordam assuntos de interesse para qualquer brasileiro de qualquer região do País. Foram escritos numa linguagem simples, acessível, mas não primária. Certas maneiras de falar do povo, especialmente na roça, não são erradas. Mostram apenas as transformações que a língua falada vem sofrendo através dos séculos. Neste livro, por exemplo, Seu Genésio e outros homens do campo falam como verdadeiros homens do campo.

Luiz Paiva de Castro é médico no Rio de

Janeiro e autor de muitos livros em prosa e verso. Ele é um poeta e dos mais admirados na sua geração. Em muitas passagens deste livro, o leitor perceberá que o poeta se insinua para nos falar na beleza secreta da paisagem e das coisas. A própria maneira como narra a vida de Seu Genésio tem sempre um toque poético.

Neste romance o autor nos conta a história de um homem simples, que nasceu e viveu no campo, ali casou e constituiu família.

Seu Genésio tem agora sessenta anos de idade. É feliz, porque, como o autor nos diz, teve sorte. Esta sorte foi ter conseguido amigos e o respeito de sua comunidade. O romancista nos conta sua vida no passado e no presente, mostra como as coisas vão se modificando pouco a pouco ao redor de Seu Genésio. É o trem, é o ônibus, são as rodovias que chegam. Chegam também as escolas, os postos médicos. Seu Genésio aceita o progresso, de certo modo e na medida do possível procura adaptar-se a ele. Mas a verdade é que, de corpo e coração, ele está preso à terra.

O romance busca descrever exatamente isso: a vida, os sentimentos, os pensamentos, os pequenos problemas e as pequenas alegrias de um homem simples, com sua linguagem própria.

Desejamos que Seu Genésio, um homem do campo, por todas essas qualidades, agrade a todos aqueles que apreciam um bom livro.

# Sumário

1 – Vivendo .....	11
2 – Mano Nestor .....	23
3 – O Mistério .....	47
4 – Mudanças .....	58
5 – Inauguração .....	71
6 – Menino .....	88
7 – Noitinha .....	99

# 1 Vivendo

Seu Genésio bateu forte com o enxadão no barro firme.

– Danado de barro. Isto é chão firme. Bom para uma casa.

Seis horas tirando terra que parecia não acabar. Depois, Seu Genésio apanhou o saco pendurado na goiabeira. Tinha um ar satisfeito. Como se não fosse um trabalho mas uma ajuda para o sol. Para o sol entrar na terra, o sol olhando, olhado, olheiro, por Seu Genésio de enxadão firme no chão, curvado. Curvado e de pé, espigado, se precisasse ficar a prumo.

Apanhou o saco na goiabeira.



– Ei, Duque, vem cá, diabo bom. Tem do pouco daquela carne. A que sobrou da festança da filha.

Falava para o cão como se entendesse. E, claro, o cão entendia.

Naquela manhã não entrara mato adentro para caçar. Ficara embaixo do pé de abacate vendo Seu Genésio tirar os tijolos de barro vivinhos de dentro da terra.

– Festa bonita. Festa bonita.

Duque prestava atenção, com as patas esticadas perto da vasilha de barro. Com as mãos um pouco lavadas no córrego, um pouco sujas de terra, Seu Genésio pegou a colher e mexeu o arroz, a carne e o feijão. Na folha de bananeira pôs um naco de carne sem fazer diferença entre homem e cão. Pois não havia. Duque era irmão, amigo, companheiro de andanças e trabalho.

Todos os cães a seu lado tinham morrido de velhice. E Seu Genésio nem se avexava de passar nos caminhos com o velho Lobo, ou o negro Totó, quase se arrastando ao peso dos anos. Pouco se importava. Aceitava o amigo envelhecido, Lobo quase cego, como lhe agradara ver a ligeireza de Totó quando pequeno, sua valentia de cão negro. Com os cães ele tivera várias vidas e ainda moço pôde envelhecer, vendo a velhice de cada um e, depois, passados os anos, pôde aceitar as brincadeiras de Duque, pequeno cão que a ele chegara pelas mãos de um cigano, tocando os cavalos com uma das

mãos e, com a outra, lhe entregando o animal, sem dizer palavra. Já lhe pesavam os anos, mas sabia brincar com Duque pequenino, e o cão cresceu e dez anos depois ele já estava velho, embora não aparentasse, senão quando parado. Ali as coisas, os bichos e as pessoas não pareciam velhas em movimento, mas antigas.

Duque mastigava, olhando Seu Genésio nos olhos. Amigo cão, amigo homem, amigos. Adiante, caminhando o sol para as bandas da serra, estariam um longe do outro. Seu Genésio pondo o enxadão firme na soca de barro, estirando as tábuas na lonjura do aterro. O carrinho seguindo por ali até despejar na cova do aterro a terra vermelha.

Duque nos matos, ouvindo de perto o grito do gavião de pasto.

Com muito cuidado estacas foram postas em torno das plantas novas para que não deslizassem a terra e as pedras sobre os brotos tenros. Logo Seu Genésio abriu um valão, aceitando a descida do terreno, até uma parte mais baixa onde a terra ficaria guardada entre raízes de árvores maiores e folhas de bananeira.

Chovera forte, uma chuva de pancada, mas o aterro resistira. Seu Genésio agora tirava as quedas do terreno rebaixando para perto de onde a vala escoava a água. Com o carrinho ia pondo terra em toda extensão da vala.

Nem parecia cansado. Comida a carne boa da festa, bebida a água apanhada embaixo na fonte,

com o chapéu bem ajeitado na cabeça, duas enxadas, um enxadão, uma pá, um carrinho e duas mãos calosas e grandes, Seu Genésio, com o que podia, modificava o terreno e um pouco da terra.

Agradava o serviço tomado de empreitada. Ele já conseguia entender que não era só importante roças para plantar milho, mandioca, feijão ou inhame. Muitas roças fizera disto tudo. Mas agora ele sabia que era preciso um canto de árvores bonitas, árvores passarinheiras, ou de boas flores, e era preciso às vezes um trabalho assim de aterro, para quase no cimo do monte ser levantado o campo de futebol. E ele punha a terra amontoada com cuidado, em volta do aterro, sem tocar nas pequenas mudas de esponja plantadas, sem chegar nos pequenos pés de acácia e quaresma.

Mais embaixo, quando colocou as estacas no bambu, Seu Genésio indagou daquelas plantas que nunca vira. Taxi, jatobá, visgueiro, pau-ferro, andiroba, rosa-da-montanha, mulungu, pau-mulato, sibipiruna, sombreiro, bauínia, bórnea, e outras árvores que nunca vira por ali e que estavam pegadinhas, crescendo. Árvores de outros países, países de longe que nem conhecia, e árvores do norte, de que seu pai português falava, mas ele nunca tocara. Estavam agora ali, plantadas em torno do campo de futebol, no alto da serra, e Seu Genésio tinha um prazer de fazer aquilo que não vinha só do dia pago por seu trabalho. Vinha da noção de que aquilo era bonito e bom e ele estava pondo suas

mãos ali.

Tanto isto lhe tinha tocado que, na última segunda, na volta de Amparo, falou para o moço:

– Não queria uns pés de pau-brasil, seu moço?

– Sim, Seu Genésio. Quero muito. O difícil é achar.

– Pois eu achei. Lá para as bandas de Amparo, nas terras da Alemoa tem uns pés muito grandes. É duro o tronco, cheio de nós. Muito alta, vai longe. Uma beleza, seu moço.

– Vamos lá apanhar, Seu Genésio.

– Estão aí.

Desceram. Chegaram embaixo do pé de camboatá. As mudas estavam lá numa cacimba com água. Seu Genésio ficou um pouco triste da reação do moço.

– Mas não é pau-brasil, Seu Genésio.

– É sim, moço. Todo mundo ali em Amparo trata de pau-brasil. Criei lá minhas filhas. É pau-brasil do legítimo, moço.

– Mas, Seu Genésio, eu já vi...

– Eu também. É forte, é duro, grande, enorme.

A maior árvore de lá. Só pode ser pau-brasil, seu moço.

O moço riu, satisfeito.

– Pelo que estou vendo, não há jeito, Seu Genésio. Vou plantar e vai ser pau-brasil. Se conseguir o outro que conheço, ficarão dois pés diferentes.

– Mas o meu é legítimo, moço. Afianço isto.

– É verdade, Seu Genésio. O daqui tem de ser o legítimo.

Seu Genésio não entendeu bem. Mas ficou satisfeito de ter arranjado aquelas mudas de pau-brasil para o moço gostador de plantas.

O vento pastoreava as nuvens, ciumento de seu agrupamento em torno do sol. As nuvens vinham lá da serra. Juntavam-se em torno do sol, mas o vento forte as levava para o pé de outra serra.

– Olha a manga-d'água. Olha a manga-d'água.

Enquanto Seu Genésio batia com o enxadão, sem esmorecer, lembrava-se dele menino correndo na vertente do alto e surpreendido por uma nuvem-boi empurrada pelo vento de encontro à pedra.

– Vamos para a tapera. É água fria.

Corriam todos para o canto abandonado e lá esperavam amainar a manga-d'água. Traziam nos bolsos os frutos da expedição, geralmente algumas favas de ingá e pequenos araçás. Conseguiam às vezes algumas frutas-de-conde do mato. Punham tudo no chão da tapera mais as goiabas, as maçãs, os caquis, as peras que tiravam às escondidas nos sítios próximos e faziam um pouco de repartição e um pouco de troca como se tudo aquilo ao mesmo tempo fosse comum a todos, conservado o que era de cada um. Comiam a regalo enquanto a manga-d'água se despencava com relâmpagos e

trovões ameaçadores. Na tapera ou na gruta, pouco se lhes dava. Estavam seguros. Conheciam o chão. E Seu Genésio lembrava-se de seus companheiros. Tião, garoto esperto, que ajudava o pai na feira de quintas e sábados. Passavam, ele e o pai, no burro magro, serra abaixo, para vender mandioca, alface, couve, quiabo e abóbora, no pequeno espaço de cimento do mercado. Mas, como os outros durante a semana, lá estava Tião a brincar. Isto fora muito bom, costume dali, o de não mazelar as crianças com trabalho duro de gente grande. Mas também ele, Tião e os outros tinham ficado soltos por aí, sem escola nenhuma, aprendendo na vida só. O moço, até que dissera que ele sabia muito.

– Isto tudo nem sempre está nos livros, Seu Genésio. Aprendo muito. Isto é vida para ensinar na cidade.

Seu Genésio ficava bastante satisfeito. O moço gostava de ouvi-lo. Mas havia uma coisa que ele não sabia.

– Sabe, seu moço. Dizer lá na cidade não dava não.

– Por quê, Seu Genésio? Isto é coisa que a cidade precisa. Estão perdendo o jeito de viver.

– Mas não dava não, seu moço. Eu não saio desses mundos. Há muito mato para roçar. E sabe? Lá não tem o fumo. Cigarro da cidade... Éta coisa ruim!

Pegava o seu cigarrinho de palha, que fazia com dedos ágeis, e punha na boca com delícia.

– Este é óti, seu moço. Óti.

Ótimo cigarro para Seu Genésio. A vida ali mesmo. Brincara correndo das mangas-d'água, comendo frutos, esperando o sol sair de novo para tomar banho na cachoeira fria, engrossada pelas chuvas. Ótimo brincar, sem tarefas maiores do que, de vez em quando, dar de comer aos bichos, ou ajudar o pai numa coivara ou num aceiro.

Ele mesmo pegava o enxadão do pai, depois de espiá-lo de perto, trabalhando nas covas, pondo terra boa no chão de barro.

– Para lá, menino. Como é que tua mãe te deixa aqui. Olha a enxada.

Mas ele ficava perto, espiando, como ficavam assim espiando os pais os meninos da redondeza. Aprendiam assim de ver, de pegar sem obrigação, por respeito ao que o pai fazia no trabalho duro. Sabiam como era difícil o que chegava à mesa, vindo da terra trabalhada, e como era curto o dinheiro ganho, mesmo na época boa dos serões de madrugada. Mas as coisas estavam ali e não era o mais importante o dinheiro. As coisas que custavam caro e via nas lojas da cidade próxima não eram desejadas em casa. Seu pai juntava dinheiro, pouco dinheiro, para uma cama com estrado e colchão e uma penteadeira, sonho de sua mãe. E num roçado maior para pasto, de alguns alqueires, sol a sol, um dia seu pai pôde ter o dinheiro e comprar cama e penteadeira de uma só vez. Foi uma festa nos olhos do pai e da mãe, quando a loja mandou

novinhas as coisas de quarto.

Mas se ele tivera um pai para olhar, uma casa para saber como se fazia; se ele brincava e aprendia com o mundo em torno, a despreocupação da vida e a idéia de que tudo seria sempre assim não levaram a que seu pai ou ele mesmo imaginassem que seria importante seguir o rumo da escola pelo menos o suficiente para aprender a ler e contar. Não lhe passava pela cabeça que ele poderia não se interessar pelos livros que não diziam nada de seu mundo, e que era quase a mesma coisa saber ler, simplesmente para conhecer palavras, e não saber ler. Dentro das coisas que estavam acontecendo agora, muito longe do tempo das mangas-d'água, que já não caíam assim pelo desflorestamento, teria sido importante para ele mesmo não ter de disfarçar que não lia uma palavra sequer. Era mais por este sentimento de diminuição que estava pensando arranjar um tempo para ir pegar a cartilha junto com alguns no outro lado da serra.

Ler para ele era sentir-se igual aos homens da cidade. De que adiantava o moço dizer não estar nos livros muita coisa do que sabia? Ele nunca pegara em um livro. Se isto não fazia falta nenhuma para o que ele e Duque estavam fazendo agora, fazia com que abaixasse a cabeça, envergonhado, disfarçando logo que um homem da cidade lhe mostrava um papel escrito.

do estava mudando e as estradas logo chegariam àquele lugar distante. Mas, pensando bem, como poderia ele freqüentar escola, atravessando mato denso, ou em manhã escura ou em noite densa. Naquela época, trilhas raras passavam entre as grandes árvores até alcançar o povoado distante. Brincava por ali, até mais longe dentro da mata, mas com os outros garotos. Sentiria muito medo se tivesse de ir campo a fora até o povoado. Não tinha mesmo jeito. Aquela era sua vida. Não podia tê-la mudado a não ser que fosse de vez para a cidade. E isto ele já dissera ao moço, não faria. Gostava dali embora às vezes sobressaltado com a gente nova que chegava, indagando se não haveria lugar mais sossegado, para dentro. Só lá para as grimpas da serra onde não havia trabalho.

Não gostava de muitas coisas. De papéis escritos nem tanto. Estava resolvido a aprender a ler, arranjar tempo, contra a opinião de vários companheiros de infância.

— Você gasta este tempo todo pra quê? Vai continuar no enxadão como eu vou para o mercado — disse Tião.

Era verdade. Ali nos campos nada havia escrito senão os papéis dos homens da cidade. Os livros, só se via na estante de uma ou outra casa de sítio. Nem todas mesmo. Duas ou três. E lhe agradaria saber o que contavam aqueles livros. Nem pensava em comprar, pois não sabia onde, nem tinha dinheiro.

Queria ler para ser igual, isto é o que importava. E não eram os livros o que lhe aborrecia nem os papéis. O que lhe doía era ver os tratores rasgando a mata para fazer loteamentos, nesgas de terra marcadas a pedra e que tiravam toda a graça do lugar. Aquela mata de passarinhos, riacho, bichos e borboletas e, de repente, gente com coisas esquisitas na mão medindo. Algum tempo depois, um ou dois tratores impiedosos com as árvores e as paisagens. Depois as pessoas que chegavam para comprar, nada conhecendo de terra, muitas vezes nem gostando. Quantos não plantavam nada, deixando a casa no vazio, solteira. Era uma dor de doer para quem brincara no tempo da manga-d'água.

– Barro duro – pensou alto, apreciando um novo cigarro.

Mas não parava. Cigarro na goiabeira e enxadão firme na terra. Pôs o chapéu mais ajeitado para o vento não poder carregar.

O carrinho riscava as tábuas e Seu Genésio, aos sessenta anos vividos, não desleixava de se agradar assim pelo trabalho.

## 2 Mano Nestor

A lua minguante deu chuva de oito dias. Duas semanas sem água até chegar à força da lua cheia. De repente, porém, começado o tempo de lua fraca, as nuvens vieram da serra, em caravana branca e, logo depois, mais cinzenta e se firmaram entre os morros.

Caiu forte a água, enchendo os valões com pressa de chegar ao riacho.

Seu Genésio espiava os pingos grossos da janela da casa nova. Feita de tijolo puro, com tinta branca nos lados, de telhado e sem forro, a casa deixava Seu Genésio feliz de contente. Casa com água e luz, fossa, banheiro com água para limpar,



descarga boa, cozinha com pia e fogão de lenha. Casa da boa. De príncipe, pensava Seu Genésio, pensando na sua sorte. O trabalho de enxadão dava mais dinheiro, mas nem sempre aparecia. Era melhor aceitar cuidar das terras do moço. Pelo menos tinha casa, canto para plantar, sua roça e tempo para visitar as filhas em Amparo e Barra Alegre.

— Esta chuva vai roer o aterro — pensou de repente, vendo a água descer da mata pelo aceiro feito há pouco tempo.

Pegou a enxada e pôs-se a escavar o chão em torno da casa. Olhava o jeito do terreno para saber onde jogar a água. Ela fazia uma volta por cima do barranco e se dividia em duas valas com boa queda que caminhavam pelos fundos e pelo lado da casa em dois braços molhados. A vala então se jogava contornando o pé de limão-galego de um lado e o abacateiro de outro até chegar a chão raso e se despencar manilha a fora até o riacho. Isto ainda na idéia de Seu Genésio ia tomando forma pelo bater rápido da enxada no chão. De vez em quando um xingamento gostoso.

— Te esconjuro, pedra do diabo. Doendo na minha enxada. Vai ficar mazelada, mas não deixo pedra entocada.

— Seu Genésio, Seu Genésio. Oi, Seu Genésio.

— Êta, homem surdo. Genésio, olha a Rita. Quer a couve e o tomate.

E Seu Genésio, descalço, chapéu, pano de saco nas costas, desceu o barranco até a horta abaixo.

Ria macio, com os olhos vivos molhados de brilho e de chuva.

— Mãe mandou apanhar as couves e os tomates de sempre.

— Olha, não estão boas as couves. Diga a sua mãe se ela não quer um pouco de chicória. A couve está com uma largata brava. Aqui estão os tomates. A saca, menina, cadê a saca?

— Seu Genésio, não olhe para dentro. As goiabas estavam tão bonitas...

— Pois eu não sei, não, disse Seu Genésio, sério. Não apanhe as frutas sem que eu saiba.

— Mas por quê, Seu Genésio? Há tanta!

— Porque aqui ninguém planta, menina. Eu sou um só. Entra gente aqui e não posso ficar de guarda. Tenho meus serviços. Depois o moço chega e não há nada no pé.

— Mas só uma goiaba, Seu Genésio. O senhor está ficando...

Seu Genésio tirou o chapéu, bastante desconcertado. Há muito que não sabia como resolver o problema. Se deixava as frutas no pé nem as pessoas da casa nem ele nem a mulher e as filhas davam conta de tudo aquilo. Se tirasse para vender quase que não dava nada na feira. Dinheiro miúdo. Se deixava que as pessoas apanhassem, elas entravam como em correição e levavam serra abaixo todas as frutas. Não tinha parada. Levavam sem precisar, às vezes, mesmo verde. Ele sabia que as pessoas não plantavam nada por ali. Eram assim

como formiga mineira, fazendo casa longe, serra abaixo, cortando tudo e levando. Mas também não adiantava ele tentar distribuir as sobras. “Puxa-saco do patrão” gritavam os varapaus lá da favelinha, e o grito, batendo nas pedras, chegava ali fresco e rude.

– Está bem, menina. Mas cuidado com a conversa. Nada de conversa amarela por aí.

A chuva estiara. Uma nesga de sol rompendo as nuvens. Seu Genésio olhou o sol de pronto, desviando os olhos espertos.

– Está querendo se firmar, mas não pode – disse alto, para as plantas em torno – lua fraca, isto é que é. Chove mais, é só parar o vento.

Pôs-se embaixo de uma carreira de pinheiros, com os tufos levantados. As gotas de chuva estavam agarradas em toda a extensão dos galhos.

– Que boniteza! – Afagou com carinho alguns galhos mais baixos, alegre do que lhe davam.

Deu vontade de ir até os outros, os que davam pinha. Carreira grande, até o alto da mata, dos dois lados. Colher algumas pinhas.

– Jacira, oi, Jacira!

– Que é, homem?

– Põe lenha no fogo e sal na água. Vou pegar as pinhas agora.

E subiu por um dos lados do pomar. Tempo de madurarem as maçãs. Meses e meses as maçãs no galho. Muito verdes e pequenas no início. Depois grandes e verdes. Adiante, já estavam com

pedaços vermelhos até a cor de madeira, bastante vermelhas. Paciência de esperar isto é que era. Os pessegueiros já deitavam folhas no chão. Todos os frutos já tinham crescido e amadurado. As macieiras prosseguiam com suas maçãs. Demorando e provocando os dentes. Mas Seu Genésio respeitava as frutas. Nunca ninguém lhe vira tirando fruta verde do pé. Nem madura mesmo, se não fosse para comer.

A noqueira está crescida, pensou, olhando as folhas verdes e grandes, o jeito espigado de árvore forte. Macho e fêmeas, junto com o mamoeiro. Árvore de muito cuidado. Aparentemente fortes mas sem saber enganar as formigas. Tinha visto como dois pés de castanha tinham ficado nuinhos em dois dias. Exame novo para longe da cerca, dentro do mato. Vieram entre uma estiada e outra e em dois dias, cortando de noite, tinham deixado o pé purinho como se o vento do inverno tivesse chegado. A noqueira também. Tinha de ficar de olho. Formiga-cortadeira estava sempre fazendo exame novo por perto. Para não falar da formiga-capelão ou lava-pés, a deixar pulgões e a roer as raízes. Árvore de frio era assim mesmo. Como moça cuidada em casa com dengos e comida fina e que não sabe depois pôr os pés no chão. Fica logo doente. Seu Genésio lembrou o trabalho de pôr pó de broca em torno da árvore, de cada ameixeira, de cada castanheiro, de cada pessegueiro. A mangueira ou o pé de jaca agüentavam menos o frio dali, era preci-

so plantar as mudas em setembro, mas as formigas não atacavam assim. Por gostosura. Só de fome, para cortar e guardar quando não havia mais jeito, e o inverno estava perto.

– Mãe-d'água! Sai pra lá, fogo dos infernos!

Tinha passado perto de uma goiabeira. Goiaba braba do mato. Goiaboa. As primeiras bichosas já tinham caído com a barriga preta. As outras, cresciam amarelinhas, temporãs mesmo. As melhores goiabas eram sempre as últimas. Enfiou a mão para apanhar a goiaba e arrepiou. Algo na mão o fez dar um salto. Nem tinha tocado em nada. Só de chegar perto. Ali estava a sapecadeira. Tocaia maldita. Fogo no corpo dois dias e duas noites. Vinha ela se arrastando da mata e ficava por ali guardada no pé. Lembrou-se de quando menino fora apanhar assim uma goiaba e confundiu o bicho maldito com casa de borboleta. Meteu a mão e correu como um doido. Só se lembra de ter entrado assim em casa quando foi roubar mel da mata com Tião e Chocolate. As abelhas caíram em cima. Rolaram pedra abaixo sem saber como. As abelhas tocaram rumo atrás dele até dentro de casa. Por sorte o pai rachava uma boa tora de candeia. Foi só trabalho de tocar fogo em duas e ir de encontro às abelhas zunindo em volta do rancho. Mas a dor da sapecadeira tinha sido maior. Gemeu dois dias. E só pegara na mão de leve, soltando o bicho. Este bateu no seu braço e caiu no chão. Agora a pressa com que tirou a mão

só de sentir a diaba por perto fez com que se arrepiasse todo. Não era dado a mexer com bicho. Deixava as casas de marimbondo, as teias de aranha, desde que não invadissem tudo. Mesmo a formiga-lava-pés e formiga-capelão não mexia com elas nem sempre. Só dava cabo de formiga-cortadeira mesmo. Mas esta diaba da sapecadeira, desta ele tinha raiva miúda, raiva de criança mordida pelo fogo.

– Bicho ruim, o fogo vai engolir você. Nem você pode com ele, diaba quente.

E toca a apanhar graveto e folha, e pegar sua caixa de fósforos e fazer a fogueirinha. Depois, com suas mãos medrosas foi só cortar o galho onde a sapecadeira dormia descansada de sua força. O bicho se entortou todo, no meio do fogo. Tinha a própria cara do diabo, levantado para o céu. Agachado, com um pau, Seu Genésio o virava.

– Fritada no próprio espeto. Viu, diaba, para que foi se meter a folguenta?

E bateu as mãos, tirando o pó e seguindo caminho para as pinhas.

Nestor apanhou a pinha cozida. Molhou bem no sal.

– Que nem peixe, mano Genésio.

– Lá pras bandas de Praia Grande não tem disso não. Mas Jacira está assando o pescado. Não esperava hoje você, mano.

– Não vinha mesmo. Bateu saudades. Mês passado houve festança. Tinha até barco da cidade.

30 Moça da cidade saltou e fez gosto de ir.

– Mano, o que você me conta. No meu tempo não havia isto.

– É mesmo. Tio João me pegou para criar faz tanto. Você ia lá, havia forró...

– Mas eu nunca vi ninguém de fora. Gente da cidade – completou Jacira.

– Naqueles tempo – continuou Nestor olhos muito abertos e brilhando – o mar brabo não deixava ninguém passar. Só a barca do Serapião...

Genésio parecia não entender.

– O que vendia as coisas, Genésio.

– Me lembro, mano.

– Pois é. Tio João punha seu barco no mar brabo e ia pescar. Quando eles voltavam e a pescaria era boa e ninguém tinha ficado no mar então a gente fazia a festança. Vinha gente da Praia, lá pra outra banda da Praia Grande.

– Me lembro. Um dia Tio João me buscou em Parati e foi mar a fora, barco a prumo, de remo ainda, chegamos fazia quase noite e o povaréu estava todo engalanado. A Margarida me recebeu na praia.

– Genésio, olha esta língua.

– Tenho de falar, mulher. Senão as coisas ficam dentro da gente entaladas. Pois é, mano Nestor, o povaréu estava todo engalanado. A sanfona veio pra praia e mais dois bandolins, um cavaquinho e um violão. Faltava pouca gente para começar a festança. Tio João, a gente do barco e eu fomos de pé descalço por aquela água branca, molhando

o corpo até chegar à vila. Riacho bom aquele, mano. Água da boa.

– Boa, mano. Aquilo é que é água. Não quero desrespeitar aqui a terra, mas a boca sente falta dela onde esteja.

– Olha aqui, compadre Nestor, estas pinhas estão boas. Bem granadas.

– Bem chegadas, comadre.

– Nem deu para enxugar direito o corpo. Chegamos no povaréu de corpo lavado. A lua já tinha posto a cara linda no morro. Peguei minha roupa e vesti bem molhado ainda. Da casa de Tio João a sanfona e as outras caixas foram conosco para o centro do povaréu.

– Me lembro, mano Genésio. Você chegou na frente dançando com a Margarida, abrindo o salão. Foi só eu pregar a última bandeirinha e vocês chegaram.

– Festaça aquela.

– Mas você não me levou lá, Genésio.

– Quase não havia mais quando conheci você, Jacira.

– Tempos brabos, comadre. Barco grande pescando. Nem adiantou a gente comprar motor.

– Eu soube, mano. O pescado agora só dá para as despesas da casa.

– Nem dá às vezes, mano.

– É esta festaça com gente da cidade, compadre. Não é de agora?

– Pois é, comadre. Às vezes dá.

E o rosto marcado do mar do velho Nestor se abriu num sorriso...

— Às vezes dá. De repente vêm três ou quatro barcos dos de vela grande, e a gente vende o pescado ali mesmo aos moços. Bom dinheiro, comadre. Dá para um mês de despesas e para uma festança ainda.

— Não diga, compadre Nestor.

— Mas é verdade verdadeira, comadre. Só que eles não aparecem nas chuvas. A gente passa meses levando o pescado para os homens comprarem e no barracão fazem cara feia. Nunca estão precisando. Compram só para nos ajudar. Dão quanto querem.

— Não vende, compadre.

— Mas o peixe fica podre.

— É isto, mano. Já plantei bastante e era também assim mesmo.

— Pois é, mano — e o rosto de Nestor, o pescador, se abriu de novo. — Mas de vez em quando aparece aqui uma procissão de barcos e a gente tem fé de novo. Você devia ver, mano, a última festança com gente da cidade.

— Conte, mano Nestor. Olha aqui a pinga. Da boa.

— Pois é — continuou Nestor, estalando a língua com prazer — foi uma festança. A lua estava boa. Eu ia no barco que o Tio João deixou, barco bom, alma dos trabalhos, e os peixes só faltavam pular para dentro. Quase que parei de

pescar, mano. Eu tinha a idéia de que ia chorar baixinho para que os filhos não ouvissem quando tivesse na volta da cidade de jogar os peixes no mar, mortinhos.

– Valha-me Deus, compadre.

– Mas eu continuei debaixo da lua jogando a rede com os meus homens. Pescaria assim nunca houve. A lua estava toda prosa da gente, mano. Depois o Sucupira pegou o violão e veio tocando no vento. O motor nem parecia roncar, tanto a gente cantava de alegria – pegou a garrafa de cana e pôs mais um trago. – A gente foi direto para a Praia Grande, compadre. O Sucupira e o Arlindo iam ficar lá. Eu e o José levaríamos peixe para vender. Mas mal eles dois puseram os pés na terra, na barra entrou o primeiro barco. O sol ia nascendo e eles fazendo uma algazarra enorme.

– Gente boa, da terra. Têm água pra dar e peixe pra vender?

– Sim, temos água e peixe.

– Jogaram âncora e desceram num barco com os tonéis.

– Eh! Gente boa! Água de beber, da boa.

– Mandei logo o Zuza apanhar uma vasilha com água. Menino esperto o Zuza. Não é por ser meu filho. Trouxe as vasilhas e dois copos. O homem mais velho bebeu a água. Uma moça loura fez a prova também.

– É boa, gente.

– Muito boa. Isto é que é água – disse

mesmo, comadre, para saberem que não era novidade.

– Encham estas latas, gente. Água não compramos. É da terra. – Falou o homem mais velho, com uns óculos esquisitos no olho. Parecia um peixe.

– Nem vendemos água, seu moço. É de dar mesmo. Pois, mano, respondi para ele e não venderia mesmo. Mas ele mal tinha acabado de encher os tonéis, voltou-se para mim.

– Tem peixe fresco, gente boa?

– De agora, de nem ter saído o sol ainda.

– Deixe ver.

– É do mar, mesmo. Nem passou na terra ainda. Só serve deste. Quanto é?

– Bem, a gente ia vender lá na cidade.

– Vendam a mim. É para a gente ir aí mar a fora até o próximo lugar assim, gente boa.

– Pois então eu vendo.

– Quanto pagam na cidade?

– Bem, seu moço, a coisa não anda boa. Eles não estão querendo comprar da gente. Só de barcos grandes. Dá quanto quiser. Nestor pegou mais algumas pinhas granadas e tomou outro gole de pinga.

– Aí eu me espantei, comadre. O homem quis saber mesmo o preço do peixe na semana santa.

– Mas não era, não, compadre.

– Não era. Faltava muito. Mas ele quis saber

quanto era o preço do peixe vendido no barco grande. Depois aumentou nas contas. “Isto é para o peixe da semana santa”. — Ele disse para mim. “E porque o peixe é bom, de mar mesmo, o preço é maior”, disse ele, contando os últimos peixes e pagando o dobro. Uma dinheirama, mano.

— Que lua das boas — disse Jacira com um sorriso.

— Não foi nada ainda. Depois chegaram mais quatro barcos, rolando o dia, até as duas. Ninguém lá na Praia Grande deixou de vender todo o seu peixe e por dinheiro caro, sem fazer preço.

— E aí houve a festança. Como nos tempos do Tio João — disse Genésio, maravilhado.

— Como nos tempos dele. Pegamos barco a motor e fomos até a cidade comprar a coisa. “Ponham no barco, e não é fiado, gente”. — Gritou o Sucupira. “Temos dinheiro do bom”. — Mostrou Arlindo. O sujeito ficou besta, mano. Mandou o empregado trazer as coisas da festança e ele mesmo empilhou no barco.

— Festança igual à de Tio João?

— A mesma. Não tem luz lá, não é, comadre? Só não tem gente que toque bem sanfona. Eu não aprendi nem os mais velhos de agora. Para não falar dos moços. Mas o pinho está bom, tem braço forte por lá agora.

Então Nestor, o pescador, contou a mano Genésio e a comadre Jacira como tinham voltado com as coisas da festança e como o povaréu rindo

tinha ajudado a carregar tudo aquilo lombo acima do morro, onde estava, numa largada de terra plana, o ajuntamento de casas.

– Outro barco! Outro barco!

Nestor contou então como tinha descido para ver aquele barco silencioso que chegava no pôr-do-sol. Vinha devagar como uma folha que cai da árvore e há vento na rama. Seu Genésio entendeu bem como entrara o barco dentro da barra.

– O barco parou longe – continuou contando Nestor – pôs a âncora. As pessoas ficaram debruçadas, olhando a terra e apontando para as coisas. De repente, duas moças pularam n'água e vieram nadando juntas como peixes. Quando chegaram à terra, começaram a andar em direção ao rio e nadaram. Para cima e para baixo. Riam satisfeitas. Quando olhamos para o barco, não vimos mais ninguém. Estavam só as moças no rio, nadando. E ficaram lá até o sol se pôr.

Então Nestor contou que, caindo a noite, e um pouco antes do início da festança, eles resolveram convidar os visitantes para beber e comer e dançar. Ele e Sucupira tomaram o barco de remo e foram.

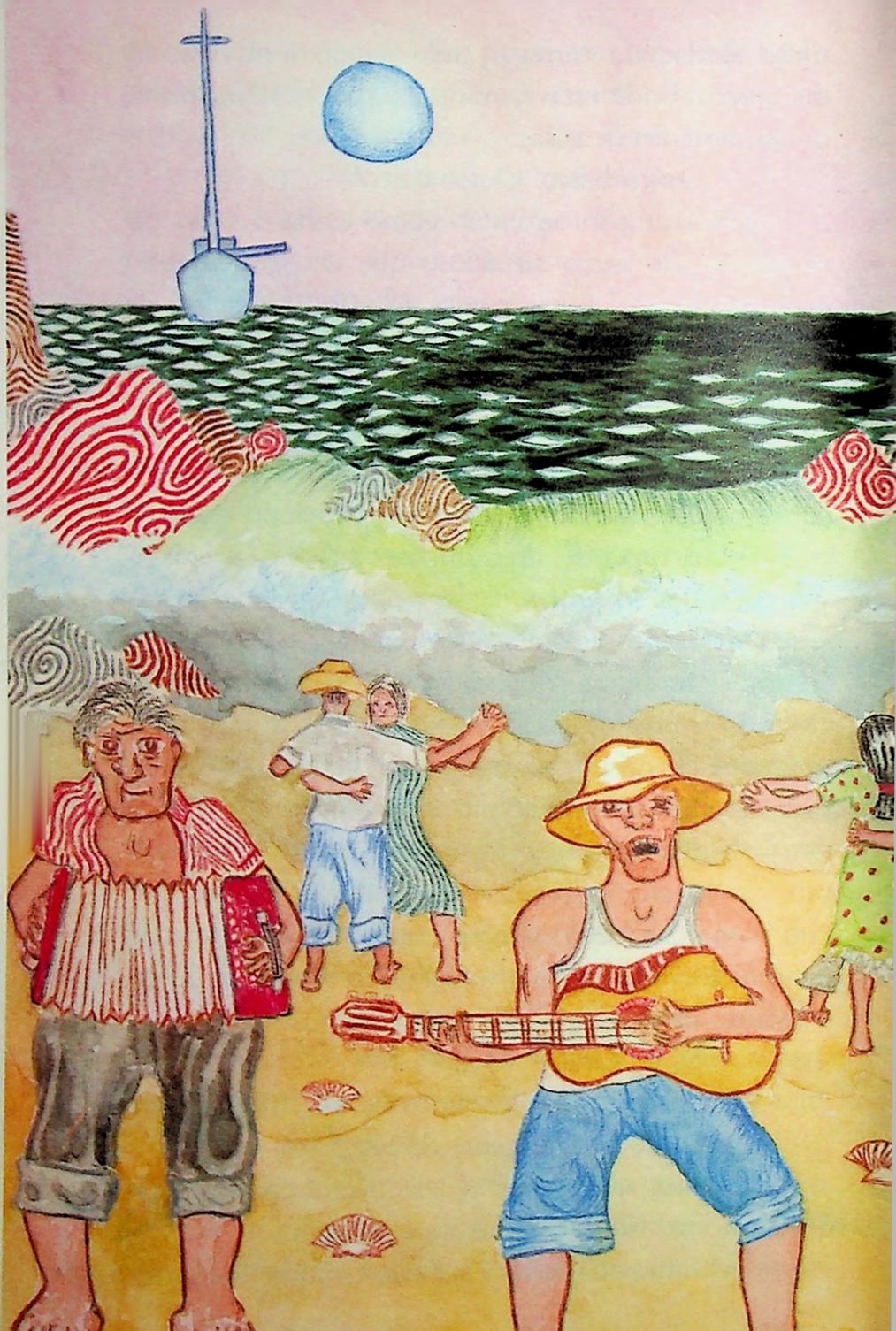
– Oi de casa!

O silêncio se fez após a voz de Nestor.

– Oi de casa! É gente de bem!

– Sim, que deseja? – disse a mulher, tomando banho no rio, e era, das duas, a loura.

– Somos da terra. Da Praia Grande. Vai haver 37



festa e queremos convidar o barco todo. Tem mais gente?

– Sim. Tem mais gente. Pessoal, há uma festa na terra. Vamos?

– O quê, uma festa? – apareceram mais quatro moças, debruçando-se para o mar, querendo ver quem convidava.

– É festa de pobre. A gente vive retirado aqui e gostaria de poder receber os de fora, contanto que não reparassem.

– Nós vivemos ainda mais retirados – disse outra moça.

– Estávamos buscando mesmo uma festa assim. É o que precisamos.

Nestor então disse que não estava entendendo nada. Pessoas daquela natureza não costumavam ficar assim. Bonitas as mulheres e cheios de vida os homens. Gente rica da cidade. Não entendia porque estavam tão interessados na festa deles, pescadores. Espantou-se, no entanto, quando os viu descer pouco tempo depois. As mulheres com uma roupa simples e uma flor colhida de tarde na beira do rio, no vestido ou na cabeça. Os homens com roupas brancas, calça e camisa, sapato de pano no pé. Outro descalço mesmo.

– Aí eu resolvi olhar de perto, mano. E sabe, eram iguaizinhos à gente. Sem tirar nem pôr. Comeram, beberam, dançaram, tocaram violão e cantaram. Dançamos com as mulheres, nossas mulheres e filhas dançaram com eles e tudo foi ficando cada

vez mais fácil de se ver. Nem parecia gente da cidade.

– Estas terras têm dono? – perguntou um deles. – A gente tem um pedacinho.

– Então é preciso comprar – disse o outro.

– Quem vende?

– Não sabemos, não. É na cidade. A gente comprou do prefeito. Em troca de peixe.

– Então a gente vai comprar do mesmo jeito – disse o primeiro. – É a melhor maneira.

– E compraram?

– Compraram, mano. Estão lá. Pescando e vivendo nossa vida. E nem parecem estranhos.

Jacira já pusera os pratos na mesa. Pão de casa e o cheiro do pirão na travessa quente. O pescado passou logo para a mesa. Seu Genésio, Jacira e Nestor sentaram-se entre andorinhas viajantes, dois gatos de casa e o cachorro Duque.

Seu Genésio foi à Rodoviária levar o mano. Já se fora o tempo de trem. Agora descia em ônibus, serra cheia de curvas, barreiras às vezes caindo. Seu Genésio não entendia bem por que se falava tanto em desastre.

– Caíram os três, dentro daquela casa – falou Seu João no ônibus, com os olhos arregalados. – A moça vinha na direção. Morreu em cima da mesa da sala de jantar, o carro do lado. O noivo ainda saiu vivo. A amiga não teve arranhão. Pulou lisinha, gritando na estrada. Foi medonho.

sas histórias. Descia para a cidade ou ia mesmo ao Rio com freqüência. Estava sempre de novidades na algibeira, entendido na tristeza dos outros.

— A água entrou pelo encosto da estrada. Foi minando, minando. Na chuva passada, comeu a estrada de vez. O Zé Carneiro vinha lá das bandas do Cantagalo e de repente, ele nem sabe por que, meteu o pé no freio. Caminhão lento parou ali mesmo, segurando o pedaço da estrada que não tinha caído. Foi uma sorte, Seu Genésio.

Saíram da Rodoviária andando em direção à farmácia. Farmácia grande, nova, drogaria. Remédio bom e caro. Feito com o estudo de tanta gente. Seu Genésio não entendia. Preferia as suas ervas. Ninguém aprendia os chás por nada. Tinha de valer a pena para alguém falar dos segredos desta ou daquela planta. Seu João, no entanto, já começava a preferir remédio pronto, vindo em caixas bonitas.

— Parece caixa de chocolate. Caixa bonita. Os vidros a gente guarda. Lá em casa se gasta com o que é bom.

Seu Genésio não entendia. Afinal de contas o médico lhe tinha dito que muitos remédios tinham aquelas ervas mesmo que ele usava. Por que, então, eram tão caros? As ervas davam às vezes ali no mato. Erva à-toa. Não entendia, não.

— Até mais tarde, Seu João.

— Até mais tarde, Seu Genésio.

Seu Genésio entrou pela rua cheia de extremosas brancas, florindo que era uma gostosura.

Deu de ver aos olhos e seguiu no sol para a casa de Seu Colly, homem velho, antigo dali desde que se entendia por gente.

Conversa com Seu Colly era sempre de agradecer. Andara por todas as matas em torno distante, com suas pedras, demarcando os terrenos. Seu Genésio o ajudava. Difícil de acompanhar o velho, subindo os morros como cabrito.

Casa antiga, de forro alto, paredes amarelas, móveis bem escuros. Seu Colly nunca mudara os móveis. Ele mesmo os fizera nos tempos de moço, com o pai carpinteiro. Tinha estudo, Seu Genésio não sabia bem o que era aquilo: engenheiro de medir terras, de saber a sua qualidade, de riscar no papel os terrenos medidos. Havia um diploma grande no alto da sala que Seu Colly mostrara um dia, antes de pegarem o jipão para o trabalho. Seu Genésio ficava orgulhoso da amizade com o velho Colly. Todo o mundo na cidade o conhecia e tudo porque, medindo terras, Seu Colly ia ficando uma mistura daquele lugar todo, lá para baixo até a zona de Cordeiro, Macuco, Cantagalo e lá para cima até as grimpas da serra.

Lá para os lados do sítio, andando aqui e ali, roçando mato, quantas vezes Seu Genésio não batera enxada em pedra que pelo barulho mesmo ele já conhecia. Eram as pedras com que Seu Colly marcava o terreno e que a terra cobria. Haveria um dia em que todas as pedras de Seu Colly estariam cobertas por terra. E não haveria a enxada

dele para descobrir a terra. De repente, ele sentiu que tinha medo da morte do velho Colly. Que sentiria muito a sua falta. E tinha medo da sua morte. Ele e Seu Colly ficariam cobertos pela terra como aquelas pedras. E ninguém saberia quem eram eles. Mas então ele descobriu uma coisa importante. Se já sentia saudades de Seu Colly, também se ele fosse embora, desse mundo, haveria gente que sentiria saudade dele. Não seria um punhado de ossos embaixo da terra. Jacira, Casimiro, Bastião, os filhos, os netos, todos lembrariam dele. Lembrariam com saudade dele até por verem uma árvore que tinham plantado. “Cada um fica bem lembrado pelo que faz”, pensou ele aquele dia, vendo a pedra que o velho Colly tinha posto no chão.

– Como é? – disse o velho Colly. – A gente toda com saúde, isto é que é bom. Casimiro preparando o campo. Eu vi. Passei por lá.

O velho Colly passou para a varanda de samambaias pendendo dos vasos e para o jardim de jasmims, rosas, manacás e damas-da-noite. Sentou-se em sua cadeira de balanço, Seu Genésio ao lado, num pequeno sofá azul.

– Cheiro bom, céu bonito. Não posso passar sem isto.

Seu Genésio ouvia quase sempre em silêncio. Gostava de ouvir o velho Colly falar da cidade, do canto dos matos que nem existiam mais.

– Era uma passarinhada bonita. Muita árvore por aí para dar de comer e pouca gente pegando.

D. Maria, preta antiga, contadora de histórias, chegou com o café.

– Vou a Duas Barras agora – disse o velho Colly entregando a xícara de café a Seu Genésio com os bolinhos de coco. – Dia bom para passear. Gosto de ver as terras que vou marcar, antes, a passeio. Quer dar o passeio, Seu Genésio?

Seu Genésio aceitou. Pegaram o jipão do velho Colly e desceram estrada, comendo asfalto. Mas o velho Colly estava mesmo devagar. Ia aqui e ali apontando as coisas.

– Compraram aquela fazenda ali para café.

– Café, Seu Colly? Não passou época?

– Pois é. Mas voltou. Vão plantar de novo.

Mostrou uma fazenda velha com moinho, alambique, ferros antigos batidos na ferrugem.

– Medi tudo isto. Foi feito com gosto. Os filhos desperdiçaram tudo. Ninguém aprende como o velho Maldonado, pensava. Não basta dar exemplo. Só serve quando se está no cabresto.

A estrada de asfalto, os carroções de leite, o mundo de gado passando nos caminhões engradados, mostravam que o trabalho seguia, dia a dia, e as coisas prosperavam. Mas o velho Colly não aprovava as pesadas máquinas cruzando seu jipão, tão pequenino perto delas.

– Para isto só ferro e madeira dura.

– O quê, Seu Colly?

– Trem. Muito trem. Este progresso não serve. Trem dá trabalho, junta mais as pessoas e ba-

rateia.

Seu Genésio ficou pensando. Seu Colly tinha razão. Pouca estrada para tanto caminhão. E nem havia mais um trem sequer passando por ali.

Desceu do jipe levando Seu Genésio para ver as terras para o lado de Duas Barras. Bom Jardim já ficara longe da cidade antiga, leões na escadaria da Matriz, vitrais nas casas, clube moderno. Adiante, as colinas verdes de Cordeiro, bois pastando, descendo e subindo os morros como uma povoação de pastos verdes, verdejando, pastados devagar, sombreados por árvores firmes e espalhadas de acordo com o sol e a sombra.

Passaram por uma ponte estreita, riacho selvagem embaixo.

Isto aqui fica no brejo quando chove. Mas o moço quer comprar. Diz que rio se ensina, rio aprende.

— Que aprende, aprende mesmo.

— Mas demora, Seu Genésio. Não é assim não. Tem de haver paciência. Ver por onde engrossam as águas.

Estavam já na parte alta, o velho Colly colhendo do pé jabuticabas.

— Tronco velho. Isto não tem tempo não, Seu Colly, é da mineira.

— Bom, Seu Genésio. Vai fazer bom negócio o homem.

— Quanta terra?

— Quase cinqüenta alqueires. É só remarcar.

Ver se a planta está certa.

Subiram um platô. De um lado, árvores claras; do outro lado, sombra. O sol batendo de um lado, floresta escondendo do outro. Seu Genésio e Seu Colly, homens da terra, caminhavam em direção à nascente do rio que agora se jogava numa funda cascata.

— Dá para botar até luz — disse Seu Genésio, olhando a força das águas.

— A nascente é para lá — apontou Seu Colly para o alto do morro.

Passaram então algumas vacas calmas entre o capim e os caingás. Subiram devagar em direção à parte pedregosa do morro, caminhando na tarde como dois velhos meninos que querem sempre saber onde nascem as coisas.

### 3 O Mistério

– Bem equipado, seu moço. Ih! É de outra época. Custou caro. De lebre. Legítima. Nem há mais.

– Equipado, Seu Genésio?

– Sim, ficava durinho. Uma beleza de chapéu.

Olhava em frente, nos olhos. Pegava no chapéu com cuidado, tocando as bordas, peça importante, ponte entre a cabeça e o céu. Lebre parada, roçando o cabelo, protegendo macia a cabeça do sol de montanha.

– Ih! Seu moço, nem há mais.

Seu Genésio estava olhando o céu e depois a grama.

– Sabe, moço, muita pedra aqui. A máquina 47

trinca o dente toda a hora. Daqui não se vê. Mas é só passar a máquina que logo ela mostra.

– Mas a grama está indo. Está fechando.

– É. Está mesmo. Era preciso. Antigamente as águas vinham e comiam tudo isto. Eu tinha chegado de Amparo, passava por aqui. Se não fossem estas árvores, o cipreste da beira do barranco, o terreno manilhado, as águas já tinham levado até a estrada.

O moço olhou Seu Genésio. Fora ele, gente como ele, que trabalhara tanto. A máquina de cortar grama quase que era uma intrusa na paisagem. O que valia mesmo era a enxada, o enxadão, a pá nas mãos de Seu Genésio batendo na pedra e fazendo calo. De suas mãos mesmo ele não reclamava. Nem mesmo do enxadão. Para ele a máquina é que era delicada, fraca, precisava ser cuidada. Cortava muita grama, mais do que ele poderia fazer em vários dias com suas mãos, mas não agüentava as pedras. Antes ele tinha de preparar bem o terreno.

– Como passarinho de gaiola, seu moço. Canta mas não sabe voar.

– Licença, seu moço. Vou pegar a missa cedo. A mulher está vindo com os netos.

– Bom dia pro seu moço. Deixaram a educação em casa?

– Bom dia.

– Vem cá. Quem é este?

Queimado, mistura de raças, nariz agudo, boca estreita, olho oblíquo, era esperto o menino.

– Sebastião. Filho do mais velho. O que pôs agora uma venda, pra baixo da Curva do Gato.

– Esperto, Seu Genésio.

– O outro também. Isidoro, nome do meu avô, Deus o guarde. É do filho mais novo. São quatro. Estes e mais duas.

– Até logo, seu moço. Deixa ver se vamos agora. O padre novo, padre espanhol, vem da cidade só para rezar a missa pra gente daqui. É pra lá das bandas da cachoeira, lá perto da gruta onde se pôs santo faz bem duas semanas.

– Me lembro, Seu Genésio. Até logo.

E Seu Genésio, com roupa de domingo, chapéu de lebre, Dona Jacira e os dois netos, atravessaram o portão de madeira e ganharam a estrada.

– Bom dia, Seu João.

– Bom dia, Seu Genésio.

– Como está Dona Marieta?

– Bem, e a senhora, Dona Jacira, como está?

– Vou do fogão para a chuva. Tempo ruim este.

– Lua fraca, Dona Jacira.

– A gente agüenta. Está acostumada. Além disso, não quero mesmo fogão a gás. Não me acostumo.

– Comida ruim – disse Seu Genésio.

– A gente se esforça mas não sai coisa que preste.

– Lá em casa é a mesma coisa. A mulher não quer. Eu também não faço gosto. Prefiro a

lenha.

– Dói no braço mas agrada a boca, Seu João.

– É isto mesmo, Seu Genésio.

A estrada subia no barro. Mata espessa para um lado e outro além das poucas existentes. As acácias ainda guardavam algumas flores. Algumas quaresmeiras do mato, flores roxas e pequenas surgiam aqui e ali. Seu Genésio distraiu-se contando quantas acácias e quantas quaresmas ainda estavam em floração. Vinte e duas neste trecho – pensou. Adiante, no lado da estrada, Sebastião e Isidoro corriam, sem ligar para a roupa.

– Vão sujar a roupa. Olha, Seu João, Genésio não dá lição nestes meninos. Olha como ficam.

– Deixa, não é, Seu João? Deixa no mato. Correr, ralar, sujar, pegar fruta. Se não brincarem, não podem trabalhar amanhã. Vai ser trabalho que mata cedo.

– Mas somos nós que lavamos a roupa deles. Genésio não pensa nisto. A mãe deles já não agüenta o serviço.

Seu Genésio não se abalou. Seguiu caminho, falando para Seu João, negro forte e conhecedor dali, que o ouvia atento.

– Serviço há para todos, Jacira. Assim tem de ser. Agora é a vez deles. Sol de meio-dia não nasce de manhã.

Jacira parecia ficar irritada.

– Está assim. Devia ir pra cidade falar bonito.

50 Já gostava de discurso. Ih! Como era conversador.



Mas agora, Seu João, deu para entender de tudo. Sempre aprendi que a gente roça calado. Genésio fala, fala, e não pára.

— Dona Jacira, não diga isto. Ninguém roça calado. De longe parece. Mas gente de roçado é conversadora. Chega perto de um e o homem está roçando e falando. Fala com tudo que está perto. Só não fala por falar. Isto não.

— Eu não sabia, Seu João. Pensava que era só o Genésio. Foi bom o senhor me lembrar.

— De nada, Dona Jacira.

Seu Genésio e Seu João se separaram antes de chegar à curva. Seu João pegou o atalho perto do lago e foi ter à casa de sopapo, rancho com galinhas-d'angola, porco, peru, cachorro e até duas iraras presas. Seu Genésio seguiu lado a lado com Dona Jacira, cabeça levantada para a serra adiante. Havia ainda um bom pedaço até a gruta e muita gente na estrada para falar.

A missa foi de padre espanhol. Seu Genésio respeitoso, de joelho no chão, outro sobre a pedra plana, acompanhava cada movimento, cabeça levantando e abaixando diante do mistério. A missa tinha um fascínio sobre o homem que a tudo enfrentava. Sentia calor e frio, medo e respeito. Havia muita luz para seus olhos como se o sol tivesse se abaixado do céu e pousado nas mãos do padre espanhol. Missa ao ar livre para os caboclos muito meninos e assustados, e suas mulheres, e seus filhos, e seus netos, como os de Seu Genésio. Nem con-

seguia ver direito quem estava na sua fila de terra, tão absorvido, no espanto de ouvir a missa. A língua desconhecida lhe dava uma sensação estranha. Ali naquele lugar ele sabia de todas as coisas. Já andara por todos os caminhos, já conhecera árvores de semente e as vira em floração, e tinha sentido o gosto de seus frutos; sabia dos bichos e sabia das pedras, desde as pedras comuns até as pedras bonitas que de vez em quando o maravilhavam por seu colorido. A chuva, o vento, o rio, o fogo, a lua, o sol, o inverno, o calor, tudo isto com sua nuance, a sua surpresa, mas nada chegava, mesmo fora de hora, que ele não pressentisse. Mas a missa tinha o poder de deixá-lo sempre assombrado como se, de repente, sua cabeça, tão capaz de se curvar sobre a terra, enxada na mão, tivesse mesmo penetrado nela e saído lá do fundo, em lugar que não era de suspeição, como ele dizia, quando as coisas não podiam deixar de ser acreditadas. Como se Seu Genésio de repente de manhã se inclinasse sobre a terra, o olho do sol nas mãos do padre espanhol, e de repente pudesse entrar no mistério de ver a terra a partir do céu e ver o céu a partir do homem. “Parece a primeira missa, Seu Genésio” – dissera-lhe o moço. A primeira missa rezada no Brasil, explicara. Para os índios. Não entendeu bem ser comparado com os índios, mas gostou. Os índios descalços assistindo à missa, entre a mata e o mar. Ele ali, entre a cachoeira e o mar, e a maioria dos homens dos roçados, das vargens e dos altos,

de pé no chão e roupa rala no corpo. Se os índios eram assim, então eles tinham alguma coisa de índio, o moço estava certo. Gostava mesmo de cozinhar na pedra quando ia para o mato, levando suas coisas de comer, sua mandioca e sua bebida feita em casa. E embora estivesse prosa com a casa que seu moço lhe dera tinha saudade de seu rancho, sua palhoça simples, tapera feita com coisa do mato, onde criara os filhos com a graça de Deus.

“Estão todos aqui. Ninguém se foi”. Ouvia sempre seu pai dizer quando no povoado distante iam assistir de tempos em tempos à missa dada pelo padre que assistia todos os vilarejos de povaréus escondidos dentro da mata. A missa era o momento de reunião, de encontro. Depois da missa se faziam as trocas das coisas, se arranjavam os casamentos e os meninos e meninas começavam a se olhar, curiosos. Como se o padre os pusesse uns diante dos outros para saberem que estavam ali juntos, para viverem juntos. “Estão todos aqui. Ninguém se foi”. Seu pai olhava na missa a vida que se juntava nos homens que ficavam juntos com simplicidade.

Não entendia naquela época o que o padre pregava. Não entendia nada do que ele tentava dizer a respeito de que era bom trabalhar para que o homem merecesse após a morte as graças do céu. Se ele nada entendia da morte, pouco significava aquilo tudo. Não se interessava pelas palavras mas pelo que não entendia, e sentia. Sentia-se bem, por

exemplo, de acompanhar pai e irmão, tios e tias, primos e irmãos, grandes e crianças, todos fazendo os mesmos movimentos, todos de repente iguais nos gestos de levantar e abaixar a cabeça, de se ajoelhar e de se pôr de pé.

Agora ele entendia muitas vezes o que o padre dizia. Muitas vezes concordava com o bater de cabeça. Outras, discordava, com um respeitoso ficar sério, sem piscar olho. Mas continuou a sentir o estranho fascínio do mistério. Como se houvesse coisas que estavam soltas em sua vida e ele, de repente, reunisse ali, de joelhos como duas orelhas grandes coladas no chão.

“Estão todos aqui. Ninguém se foi”. O pai muito grande, mãos segurando o chapéu, meio sem jeito de estar ali, com os pecados de homem simples. Um dia, porém, Seu Genésio entendeu por que o pai se aliviava na missa, vendo todos recebendo o pão miúdo com vergonha de precisar e de receber. “Estão todos aqui. Ninguém se foi”. Mas naquele dia o padre veio e o pai não dissera. Como já se calara outras vezes e Seu Genésio não notara. Mas muito menino de repente viu quando as pessoas na sua casa começaram a ficar tristes e Genivaldo, o irmão menor, não saía da esteira, não levantava para brincar. “Morreu. Coitadinho, morreu”. O pai de rosto franzino, esforçando-se para não chorar. “Foi para o céu” – dizia-lhe a mãe, sem saber mesmo o que dizer, soluçando como nunca a vira. E Seu Genésio achou muito estranha a morte. Pouco as

peessoas na casa riam ou choravam. Ele mesmo, menino, não podia ficar entre gente grande a choramingar ou achar graça. Que ele fosse fazer isso entre os outros garotos. Entre gente grande tudo era muito sério e seco. Por isso, Seu Genésio ficou muito espantado quando descobriu a morte. Como choravam as pessoas no enterro do Genivaldo. Tinha ido para o céu, diziam que era um lugar bom, o melhor lugar, e no entanto choravam. Ninguém conseguia ficar com o rosto sério e seco. Nem seu pai nem o Tio Eugênio, de quem tinha tanto medo. Mas o Tio Eugênio, padrinho de Genivaldo, chorava sem parar. Estranhou tudo aquilo. O caixão, as flores, o corpo do irmão, deitado, a notícia de que ia para o céu, para um lugar bom, e no entanto como tudo parecia tão triste. Como as pessoas grandes ficavam diferentes diante da morte. Pareciam mais com as crianças, choravam como as crianças, pensou. Naquela semana quando o pai foi à missa e não falou, ele entendeu. Quando Nestor depois foi morar com Tio João e Ritinha com Tio Ascânio, ninguém chorou nem o pai deixou de falar na missa. “Estão todos aqui. Ninguém se foi”. E, no entanto, pela doença da mãe, fraqueza da braba, Tia Bulália viera para cuidar deles e naquela semana mesmo tinham partido Nestor e Ritinha. Mas todos viram isto de manso, tristuras da doença da mãe, e no fundo nem Ritinha nem Nestor tinham partido. “Voltam” – dizia o pai quando perguntavam o que tinha sido feito daqueles meninos tão formosos. Estão em boas

mãos, mas a casa é aqui! E não era mentira do velho. Vivendo longe, nunca deixaram de voltar logo que puderam. De vez em quando como a vida permitia. Mas voltavam. E viram missa ainda junto do velho. Genivaldo não. Partiu no caixão pequeno para morar no céu e não voltou. E seu pai já sabia quando foi à missa e ficou calado. E foi assim, desta maneira triste, que Seu Genésio conheceu a morte. Uma coisa estranha que fazia as pessoas grandes chorarem como criança perdida de noite no meio do mato.

## 4 Mudanças

Tarde cinza. Boa de plantar. Chuva vindo e passando. De repente, começou a escurecer. Seu Genésio apoiou o corpo na enxada e olhou. A sombra era escura no alto da mata mas as árvores não se entregavam. Tinham seu corpo de árvore e mesmo já de noite Seu Genésio via as formas de cada uma. Mais para perto da estrada olhou a clareza das bananeiras. Era diferente da cor escura dos pinheiros procurando um lugar na noite que caía.

Parecia que entravam na noite. As bananeiras não. Mais claras, davam a idéia a Seu Genésio de que não tinham ido até o fundo da noite como os pinheiros. De fora recebiam muito mais luz da

lua que saía. Entre o fim da tarde e o aparecimento da lua, no céu cinza, houve um momento mais escuro em que o olho habituado de Seu Genésio vagou pelos morros. O que mais lhe chamou a atenção, acostumado à súbita cantoria dos grilos e o piar dos primeiros pássaros noturnos, foram as brancas vestimentas dos eucaliptos cinza-arroxeados. Arrepiou-se todo Seu Genésio vendo uma fila de estranhos fantasmas no morro e no lugar onde estavam os eucaliptos. Como se a árvore tivesse uma penugem em torno das folhas que com a vinda da luz da lua fosse ficando cada vez mais nítida pela distinção entre este branco muito mais de névoa do que o branco do luar, muito mais de luz.

Seu Genésio tratou de olhar as outras árvores, procurando ver nas nuvens de onde estava saindo mais luz. Tinha-se passado o tempo de lua fraca. Agora a chuva tinha ganho e perdido durante o dia e aconteceria o mesmo à noite. Mas amanhã o sol chegaria em céu azul e Seu Genésio pensou por um momento nas coisas que teria de fazer.

Iria à cidade. Faltava arroz e outros mantimentos em casa. Coisa miúda. Além disso podia levar alguma coisa para vender na barraca de Tião. Tirar licença ele não tirava, que não valia o que podia vender. Mas sempre arranjava um dinheirinho e seu moço não se incomodava. Iria ver quanto dava. Aí, sim, teria jeito de saber o que podia comprar. Precisava de fumo, um canivete, outro enxadão, um carrinho de mão mesmo, que o seu 59

já estava gasto de ferrugem.

Deu outra olhada para o morro onde estavam os eucaliptos. Sentiu um frio na espinha. Lembrou-se das histórias de criança. Houve uma época mesmo que o povaréu andava assustado com o lobisomem que andava à solta. Os cachorros corriam espavoridos para dentro de casa. As galinhas sumiam do cercado, nem adiantava enjaular. Não pode ser bicho, diziam todos, e não pode ser gente. A fedentina chegava longe. Um lobisomem, gente de pecados largos, apodrecida e vagando à noite. Pensaram em onça, onça de cheiro ruim, pouca gente ali tinha visto onça que não passava em mata com casas por perto. Desgarrou e anda por aqui, não é lobisomem nada, dizia a gente que não acreditava em crendices de roça. Mas onde estavam as pegadas da bicha? E esta história de comer laranja, laranja às dúzias, de noite? Seu Genésio vira com os próprios olhos. Manhã cedo, geada no chão, e aquela derramação de laranjas cortadas certinho para tirar o suco. Mesmo quando foi pegar o gambá, puxando de noite as laranjas e cortando, ou quando a irara foi tirada da boca de três cães, perto do galinheiro do Catinha, ninguém deixou de falar no lobisomem pois tudo continuou a desaparecer como antes. “Ruindade do mundo não é de gambá ou irara” – disse seu pai. “Estas coisas acontecem assim porque esta jagunçada nem depois de morta não pára.” Gente que vira o lobisomem emudecera. Lembrou-se de D. Hermengarda parada sempre embaixo

da pedra, na encruzilhada da árvore solteira. Todos sabiam que tinha visto o lobisomem. Por isso mal a soltavam de casa lá ia ela para a estrada e ficava sentada ali, na pedra. Quando entardecia e a noite caía, sua cara ia mudando e começava a gritar e a uivar. Tudo isto, diziam, para que o povaréu corresse e a tirasse dali, pois gente que foi tomada pelo lobisomem sempre se entrega a ele. Seu Genésio se arrepiava todo vendo D. Hermengarda passar se contorcendo toda nos braços de quatro homens que a levavam para dentro de casa. Dormia amarrada para não fugir e se encontrar com o lobisomem. Nem adiantou curandeiro ou rezas de casa. D. Hermengarda passava assim as noites uivando, amarrada, na cama de estrado duro, pau inteiriço. De repente a lua ficou mais viva no céu, lua cheia empurrando as nuvens. Lá estavam as árvores no leite claro da luz da lua. Seu Genésio pôde ver tudo claro onde antes só estavam os fantasmas, entre os eucaliptos. Lembrou-se então que D. Hermengarda não uivava todas as noites. Nas noites de lua cheia ninguém precisava buscá-la na encruzilhada da árvore solteira. D. Hermengarda mesmo vinha vindo, de leve, sorrindo para todos que cruzavam com ela, flores na mão, e ia dando uma a uma por quem passasse. Ele mesmo recebera flores assim e só não ficara porque a mãe tinha susto de ter na casa flor de gente que já vira de perto o lobisomem. Depois D. Hermengarda chegava na porta de casa, quando caía a

noite. Ficava olhando para o céu, no lugar onde a lua nasce, até a lua nascer. Ficava espiando com os outros meninos D. Hermengarda assim, rosto largo, olho brilhante, sorriso de quem está feliz. Ia depois para dentro de casa e naquele dia dormia mesmo em rede, sem gente tomando conta ou amarrando.

— Genésio, a janta está pronta. Genésio. Genésio.

Seu Genésio se dirigiu para casa. D. Jacira o esperava. Lá estaria algum filho, sempre dois ou três netos fazendo perguntas, debruçados na panela gostosa de Jacira, saindo do fogão para a mesa envolta no pano branco. “Vida de roça é boa, Seu Genésio. Aqui o tempo não vale dinheiro. O tempo passa mesmo na gente. Relógio é o sol de dia, lua de noite”. Era isto mesmo. O moço tinha razão, pensou Seu Genésio. Amanhã iria à cidade e levaria os netos. O mundo estava mudando e eles precisavam ver a cidade. Para não ficarem matutos demais, pouco treinados naquelas coisas complicadas. Fazia falta para não acabarem uns vitelos bobos de mato.

— Já vou, mulher. Vou guardar o enxadão no barraco. Estou já aí.

\*

Seu Genésio correu em direção ao ônibus.

62 Estava parado um pouco adiante da curva enquanto

Seu João espantava dois perus.

– Pra dentro. Chama a mulher.

A mulher fez um ruído de grão batendo junto. Imediatamente os bichos desistiram de enfrentar a máquina ou de saber o que era ou de passear simplesmente na estrada e correrem para dentro.

– Eh! Seu João. Estamos indo.

Seu João fez um sinal para o motorista. Sebastião e Mariazinha correram mais rápido que o avô e entraram. Com a aba do chapéu Seu Genésio agradeceu.

– Criança é bicho espantado. Mariazinha tem cisma com o ônibus.

– Pouco tempo, Seu Genésio. Logo a menina se acostuma.

– É verdade, Seu João. Me lembro quando fizeram esta estrada aqui. Estava tudo no pântano. O doutor trouxe o trator. Ninguém dizia que dava estrada.

– Por este lado era brejo puro. A gente nem desconfiava...

– É mesmo. Foi vir o trator manilhar. Manilha de vinte. Muitas manilhas. Logo depois que cheguei por aqui.

– Até cavalo não passava neste brejo quando chovia. Depois ficou tudo seco. Dá até para passar ônibus. Eh! Quem diria.

– É, Seu João. Não desci fácil por este osso não. Havia de me ver com meu cavalo...

– Me lembro.

– Descia por isto tudo e o bicho empinava. Não tinha visto automóvel. Nem buzina tinha chegado aqui. O caminho era estreito. Só passava gente da roça, trapo nas costas, feixe de lenha. Seu Válter com a carroça de feno. O falecido Aristides correndo morro abaixo com o carroção de leite. Se lembra?

– Me lembro. Me lembro também de Zé Verdura, com seu burro brabo. Empacava e comia a verdura do homem.

O ônibus ia descendo a serra entre os trechos de chão batido e trechos de paralelepípedo. Região de loteamento de paralelepípedos mostrava de um e de outro lado casas bem feitas, bonitas mesmo, gramado, duas ou três árvores.

– Resta um pé de laranja campista do caminho antigo, Seu Genésio. Isto eu vi com os meus olhos. Daqui até lá embaixo isto era tudo um laranjal. O finado Frederico, velho trabalhador, não queria ver gente passando no sol e com sede. Mandou plantar laranja no caminho que seguia pelas terras dele até lá embaixo no pé da cidade. Tudo isto era dele. Era um pasto bonito, de um lado e de outro plantavam as flores. Tudo com gosto, não é este sapear de uma casa na outra aqui destes lados.

– Lá para cima ainda tem terra vasta. Que dá para trabalhar com gosto. Se não fosse isto, não me sujeitava mesmo a roçar grama. Não tenho sangue pra isto.

vitelos que não têm mais tamanho. Botam um macacão e toca a andar para lá e para cá em frente da casa, na estrada mesmo. Se mostrando, Seu Genésio. Se mostrando para os moços dos carros. Quem passa, fica fiadinho que são os donos...

Seu Genésio riu. O ônibus descia a serra. Dentro havia crianças indo para as aulas na cidade, que ali só havia o grupo e faltava vaga, gente velha descendo para ficar com os netos na cidade, filhara-da operária que tinha deixado a enxada pelas fábricas que surgiam uma a uma na cidade. Alguns homens, mais ligados ao lugar, tentavam ainda ir e vir, pegando sua horta, seus bichos, suas fruteiras e o trabalho difícil na fábrica. Era gente que se a terra sustentasse as despesas de casa e progresso de luz, móveis, fogão, ficariam mesmo na terra. Gostavam mesmo da terra. Mas doía andar por ali e ver gente descarregando tijolo, areia, pedra, cimento, canos de plástico, telha, madeira, para fazer casa de emboço, até com fossa. A terra não podia dar estas coisas. Só dava flores, frutos, verdura, galinha com fartura. Mas onde vender para comprar aquelas coisas caras? Seu Genésio tivera sorte e era bom mesmo na enxada e por isso ganhara emprego certo de tomador de conta de boa terra. Entendia aquela gente operária descendo cedo com o ônibus para a cidade mas não queria o mesmo para si. Mesmo em troca do dinheiro.

— Êta, criançada. Aqui a gente fica, Seu João.

Despediram-se. Mão no chapéu. Sem riso na boca. Mas olho brilhando. Cada neto segurando a

mão rude, Seu Genésio atravessou a rua.

– Oh! Matuto, olha o carro. Vá para o inferno, seu lesma.

Gente da cidade. Turista. Seu Genésio nem se importou. Esquecera-se de olhar para o outro lado. Quase o carro o pegara com os netos mas nem se arrepiou. Não era dali mesmo, da cidade que crescia e ele vira no barro. Gostava mesmo do seu canto. Não se acostumara àquele barulhão. Piscava a luz e lá tinha ele de saber qual a luz de atravessar. Era definitivamente contra o sinal luminoso Seu Genésio. Atravessava onde estivesse, como um potro bravo.

Antigamente o trem passava por ali. Por dentro da cidade vindo lá das terras do norte. Trazia café para baixo, no pé da serra. Depois foram fazendo os vagões para levar gente e Seu Genésio mesmo tivera um irmão maquinista, dois irmãos foguistas, parentada de estação e sinaleira. Um tio mesmo fora chefe de estação. Tempo pacato, de trem descendo a serra, de gente a cavalo levando a máquina até a beira do precipício. Descia fincada nos seus dentes, arrumando os freios bem oleados para não verter mundo abaixo como uma cascata de fogo. Seu Genésio sempre fechava os olhos quando o trem começava a descer. Era um ranger de madeira e as reclamações dos bois, dos cavalos, jogados de encontro aos paus. O trem de madeira e carvão era muito mais parecido, porém, com suas coisas, seu fogão, suas árvores, suas casas, do que as

máquinas de hoje ralando a rua.

– Pipoca, avô.

– Algodão. Quero algodão.

Corriam para a carrocinha enquanto Seu Genésio preparava as moedas. Dinheiro gasto com prazer de criança era dinheiro abençoado para ele.

– Avô, por que o senhor não tem carro? Seu Genésio riu.

– Por que tenho pés, crianças, não estão vendo? Só quando não puder andar mais vou pensar em ter um carro. Um jipe para ir deitado, serra abaixo, até o mar.

– Onde mora o avô Nestor? Quero ir – disse Sebastião.

– Vamos. Vamos lá no minguante. Vocês vão gostar. O mar é bonito.

– Mais bonito do que lá? Mais bonito do que o bosque?

– No mar tem lua também? Tem sol?

– Tem tudo isto. E tem gente que pesca de madrugada. O avô Nestor sabe velejar como peixe. Sou eu na enxada e ele no remo.

Seu Genésio passou diante da quitanda. Velho problema. De uns tempos para cá a concorrência do supermercado. Muito mais em conta. Mas ele não sabia entrar, pegar as coisas, sair, pagar. Ficava meio sem jeito, escolhia mal. No armazém, na quitanda, ele ficava em casa, apanhava o que faltava. Jacira sempre reclamava dos gastos. Mas era assim que Seu Genésio sabia fazer compras.

Entrou no armazém e começou a falar das coisas com seu Joca enquanto o Tião e Ritinha ganhavam de D. Maria um bom pedaço de melancia.

Já fazia tempo depois e lá estava Seu Genésio na conversa animada sem saber de preço, apanhando aqui e ali, alguma coisa precisada que Joca, cobrando mais do que o mercado, fazia por menos, muito menos, pelo que ouvia e dizia a Seu Genésio satisfeito da conversa.

Saiu pela rua pegando sol da montanha. Sol forte. Sol que parecia feito coivara, queimando o ar. Comprava pão na padaria S. Jorge, ali perto. Atravessou a rua e mais uma vez olhou com raiva os sinais.

– Cachorro de dono. Mandam e a gente tem de ir.

Alguém mexia na luz que se acendia. Perdia às vezes duas ou três mudanças de sinais para ver quem era. Quem estava abrindo a luz verde, a vermelha ou amarela. Ficava sempre irritado, pois não se conformava de não descobrir. Um dia chegou a chamar a atenção da cidade quando não se conteve e gritou:

– Lá está ele. Peguei o danado. Então é assim que prende a gente no chão? Mexendo aí nestes fios? Pois não preciso. Atravesso mata de noite. Sei andar em rua de carro. Não gosto de ser parado, seu moço.

O homem continuou a trabalhar no ajuste do automático. Mal se voltou para Seu Genésio, em-



bora a gente em torno tivesse parado para ouvir a reclamação. Se Seu Genésio nunca mais viu ninguém perto do sinal luminoso, mexendo nos fios, das luzes, pelo menos ficou inabalável para ele que aquilo era feito por gente escondida muito bem em algum lugar. Isto o deixava bastante cismado para atravessar a rua se sentia cão de dono ou boi tanguido.

– Corre, Bastião. Vem no escorrega.

Tinham chegado na grande praça onde o trem anos antes passava no rumo do norte ou para a descida da serra. Os eucaliptos pretos grandes subiam muito alto. Ritinha e Bastião atravessaram o pedaço de grama com margaridas amarelas. Correram para o escorrega. Seu Genésio nem perguntou. Criança escolhia seu brinquedo. Pegou o cigarro de palha e fumou com sabor. Deixou a criançada em festa. Pegou o pão e leite na padaria. Deixou as coisas todas lá e foi no armarinho comprar linha, dedal e agulha para Jacira costurar. Jorge, o Turco, estava no hospital.

– Melhor, Dona Sofia?

– Está, melhor, Seu Genésio. Este tempo quente e frio dá reumatismo mesmo.

Bastião e Ritinha, muito sujos, pegaram o doce da mão de Seu Genésio. O ônibus parou pouco adiante e Seu Genésio apanhou as coisas no banco de madeira, pisou os paralelepípedos, beirando a calçada, e entrou para a viagem de volta.

## 5 Inauguração

O campo havia sido doado pela prefeitura. Fora dado o prazo de seis meses a Casimiro, filho de Seu Genésio, para tratamento da terra e para pôr o futebol jogado. A lista correu de casa em casa e Seu Genésio assinou com prazer. Ele mesmo foi de enxada na mão para o local do campo. Muito maior do que a parte do aterro onde fizera o campinho. Ali não, a terra era vasta, entre vários sítios de alemães e ingleses e casas de gente dali mesmo. O campo ficava de lado de uma ribanceira e do rio, logo após a cachoeira. O trator mordeu a ribanceira durante dois dias para alargar o canto. Caminhões de pedra foram precisos para segurar o rio

que costumava desbarrancar as margens. Com as mãos, Seu Genésio, Casimiro, Tião, Oto, gente dali, do time ou do povoado, rolaram as pedras para a margem. Enfileiradas, garantiam o terreno da infiltração e desbarrancamento. No rio, as açucenas em profusão traziam menos força às águas e cheiro bom de flor.

Ficou uma beleza. Ribanceirado mas com bom jeito de gente se apoleirar ali para ver o time. Mais para diante, numa parte alta mais plana, o prefeito mandara fazer uma pequena escola e um posto de saúde. Corria à boca pequena que, depois da linha do ônibus, muita gente não quisera ficar no aperto da cidade amontoada de apartamentos, e se mandara para ali. Assim não pensava Seu Genésio. A gente era dali mesmo, gente que saía e agora voltava com o ônibus, gente que tinha cheirado aquele chão e não se esquecia. Voltava agora para o seu lugar de sempre.

Quando o campo acabou de ficar pronto, quase ao mesmo tempo o posto e a escola ficaram. O prefeito veio inaugurar tudo. “Eleição próxima”, disseram os politiqueiros. “Só quer votos”. “Não gosta de vocês”. “Vê o viaduto que o Dr. Figueiredo fez?” “Aquilo sim é obra. Obra de sustança. Obra forte. Não é esta alvenaria pingada que até parece sapê”. “Não como viaduto”, foi a resposta de Seu Genésio. “Isto está bom para os filhos e netos. Campo perto, posto de saúde e escola. Melhor assim”.

Chegaram duas professoras para a escola e um enfermeiro para o posto de saúde. O médico vinha do posto da cidade, duas vezes por semana. O doutor Barbosa, Seu Genésio o conhecia. O enfermeiro, também. As professoras, não. Elvira e Maria Margarida eram muito moças, da cidade mesmo. Vinham e voltavam de ônibus. A escola antiga tinha caído, velha que estava, com as chuvas antigas. E nem se podia chegar a ela em poça e lamaçal. Ficava numa baixada alagada. Professora nem mais aparecia com medo da escola cair de repente. A nova não, ficava no alto, em lugar enxuto e firme. Seu Genésio ouvira mesmo dizer que iam chegar logo professoras para dar aula de noite para a gente velha como ele. Tinham dito tempos atrás mas na outra escola não dava para haver aula direito nem de dia. Desta vez Seu Genésio estava pensando se valia a pena. Lembrava-se de Seu Aristides, sapateiro, filho do velho Antão. Na parte mais baixa da estrada, lá para os lados do norte, os trilhos tinham de atravessar um pântano de arrepiar. O bananal cercava as terras em torno. “Mande passar a máquina logo. Vamos jogar terra e pedra nisto tudo” – berrou o capataz, Seu Antônio-Voz-de-Serra. Assim fez o velho Antão, Seu Aristides contou a Seu Genésio. Mas não deixou banana cair no chão. Foi empinando no ombro e levando para a beira da estrada, força no corpo. Assim, livrou todo o bananal de ser devorado pelo pântano. Empilhou os cachos de banana na estação, combinado com o

velho Duarte. O velho Duarte vinha ele mesmo duas vezes ao dia apanhar as bananas-sem-dono até o desvio que Seu Antão acumulara no trabalho noturno. Vida de bicho, vida dura, mas de respeito, a do velho Antão. Dinheiro bom ganhou com as bananas a ponto de deixar a linha de trem, escavação pura, e ir tentar ofício de sapateiro. Aristides não entendeu bem por que Seu Antão escolhera consertar sapatos, ele que andava sempre descalço. Mas foi para a cidade, pegou ponto bem perto da Rodoviária e todos os dias descia lá do alto com seus três filhos em direção à banca do sapateiro. Foi nesta passagem que Seu Genésio conheceu Aristides, às vezes voltando a pé sem o pai. Seu Antão morreu, os irmãos desgarraram pelo mundo e a banca ficou para Aristides mesmo. Sentou. Bateu sapato que dava para voltar sete vezes o mundo. Na paz de Deus. Mas com o cotovelo firmado no livro começou a ler cartilha e pegou livro de empréstimo. Punha o livro na banca e batia sapato, de maneira que aprendeu muitas coisas que um sapateiro não sabe. E passava sempre pela casa de Seu Genésio, antes e depois, pois viera um pouco antes de Seu Genésio para essa banda da serra. Cidade nova e maior, fora aí que Seu Aristides instalara loja de roupas, ele que mal se vestira. Trabalhava duro como homem de leito de estrada ou sapateiro. Pegava na loja de manhã à noite e vendia de tudo: de roupas, do principal a todas as miudezas de armarinho. Morava, porém, em pedaço de terra bom de plantar e tinha

alguma criação, para longe do centro, lugar de morros altos onde Seu Genésio também viera dar, há alguns anos. Para Aristides, pensava Seu Genésio, bem que valera ler os livros. Não fizera à toa dar de cotovelo nas páginas para aprender cartilha ou depois, quando já lia sem ter que falar alto. E nem só porque isto o ajudara a deixar o ofício de sapateiro e ganhar negócio importante, por saber como agir na escrituração da loja. O bom mesmo era conversar com Seu Aristides sobre o que contavam os livros. O mundo tinha vindo de longe, as cidades ficavam soterradas. Uns homens de estudo vinham depois, muito tempo depois, e desenterravam tudo aquilo para saber como viviam os antigos. Seu Genésio pensou que um dia tudo aquilo ali no povaréu estaria enterrado. As balizas do campo, o posto de saúde, a escola, a cidade mesmo lá embaixo. Um frio desceu por sua espinha e ele pensou na morte. Deu vontade de saber o que tinha deixado nos livros a gente antiga, o que aprendia o Aristides por ele mesmo. Estava mesmo curioso com umas pedras que existiam numa gruta onde costumava esconder-se com Tião e outros garotos quando ia pelo mato e caía uma manga-d'água. Tinha uma porção de palavras escritas nas pedras da gruta. Levou Aristides lá um dia. “Me desculpe, Seu Genésio, não sei não. Isto eu não sei ler”. “Mas não sabe ler, homem. Não se avexe”. “Não é por nada não, Seu Genésio. Não me avexo, não. Isto é coisa que não sei”. Seu Genésio não entendeu. Como sabia ler

Seu Aristides e não lia nada que estava escrito na pedra da gruta? “Deve ser de índio”, disse Seu Aristides. Mas Seu Genésio andou perguntando na biblioteca da cidade. “Pois é, Seu Aristides. Disseram que não é índio, não. Índio daqui não escreve. Mas não quiseram acreditar na pedra. Acharam longe para ir”. Seu Aristides confirmou nos livros que índio daqui não escreve. Levaram finalmente ao padre espanhol que sabia ler livros em outras línguas. “Pois é, seu padre, é esta pedra aqui”. O padre olhou. “Mas é mesmo. Está escrito algo aqui.” Estava bastante intrigado. “Há quando tempo há isto aqui?” “Há muitos anos”, respondeu Seu Genésio. “Muito tempo antes da gente estar por aqui, eu e Aristides. A gente chegava nestas matas de longe, caçando, viajando para conhecer. Não morava ainda ninguém nestes lados. Faz tempo, seu padre. O pai de Tião já veio para estes lados muito tempo antes e a pedra estava assim mesmo. Havia outras, seu padre, mais para lá na mata. O Severino quebrou a marreta. Não gostava de pedra assim. Dizia que eram marcadas pelo demônio. Será mesmo, seu padre? O que dizem elas?” “Estas daqui francamente não sei. Não posso saber quem escreveu isto. Mas acho que foi o demônio”. “Santa Virgem”, seu padre, disse Seu Genésio, piedoso. “É preciso saber quem morou aqui e escrevia em pedra. Pode ter descido para avisar algo”. O padre Ramon riu mas não desestimulou. “Gostaria de saber. Vou tentar mas não garanto. Não sei por onde começar”. Bateu fotogra-

fias, andou para lá e para cá, chamou gente, mas ninguém entendeu. Seu Genésio tinha uma vontade enorme de estudar para ler e saber o que estava escrito naquela pedra. Para ele, quem sabia plantar maçã, aprendia a plantar abricó. Era questão de olhar o jeito da planta. Se ele aprendesse o que ensinavam nas cartilhas, leria livros como Seu Aristides. Descobriria então o que tinham deixado escrito nas pedras. Vontade de saber não faltava à gente dali. É verdade que, adiante, bem perto dali, num lugar chamado São Tomé, havia umas pedras também escritas daquela forma e em forma de arca. Começaram a espalhar que havia tesouros nelas. Com o marrão um dia quebraram as pedras em mil pedacinhos. Gente dali mesmo, tonta por riqueza. Não encontraram nada e Seu Genésio sabia disto. “Tesouro de pirata a terra já comeu.” Não acreditava. Muita coisa, sem dúvida, tinha mudado. Os tempos eram outros. Caminhões passavam furando a barreira, com muitas toras de madeira. Cortavam lá pra dentro da mata, gente do lugar, e desciam de noite para o lombo dos fenemês. As matas estavam mingando, em troca de muito pouco. Seu Genésio sabia disto e até falava pro povaréu. “A gente recebe o dinheiro na hora. Está dando, a gente faz.” “Mas planta, Seu Horácio. Planta e vende.” “Pra quem, Seu Genésio? Ficou fora do juízo, gente. O mercado paga licença agora. E tem mais, esta bicharada anda esperta. Ninguém pega mais formiga fazendo panelão. Você sabe das

coisas, diga se minto. Tem de ser mesmo no certo, no pó de broca e às vezes só na formicida de isca. Quem agüenta estas despesas?” Era verdade. Seu Genésio sabia dos tempos. Que não se podia plantar e levar as coisas no burro, estrada a fora até o mercado, assentar tudo no chão e esperar gente rindo que vinha comprar. Não sabia como resolver tudo aquilo. Mas só não entendia como podiam cortar trechos e trechos das matas, de véspera, e pôr de noite nos caminhões. Acabariam as matas dentro de algum tempo e aquela gente, aí sim, ficaria do mesmo jeito para plantar. Pior, porque, sem as árvores, em muitos cantos as nascentes pequenas das serras estavam secando pela força do sol em cima. Dava pena ver aquilo tudo e não ter o que dizer. De só poder falar com os outros que pensavam como ele. Mas um machado na mão vale pela boca de muitos. Ainda eram bastantes os que queriam plantar, falar de terra, aprender o que estava ali no lugar. Não duvidava que muitos pudessem perder seu tempo a estudar, só para saber o que estava escrito lá na pedra achada no tempo da manga-d’água. Mas já existia gente que não queria saber dali, que não se importava com nada, contanto que lhe pagassem na hora. Que não se apegavam ao lugar onde haviam nascido.

Seu Genésio olhava o campo, a escola, o posto de saúde. Se fizessem o curso noturno, ele viria desta vez, aprender cartilha.

senão desbarranca.

Tinha dado trabalho o Casimiro. Vomitava tudo, cimento como ele só. Mal o tempo virava, e aparecia doença. Jacira se aconselhava com as vizinhas sempre capazes de encontrar uma erva de serventia boa. As rezadeiras vinham até a casa e nem queriam presente.

– Obrigado, Seu Genésio. Vosmicê dá se o menino ficar bom.

Desenganado várias vezes, Casimiro só melhorou quando Seu Genésio o levou para o arrozal lá em Amparo.

– Não tem medo, não. É só pássaro bobo que leva arroz. Você espanta com isto. Anda um pouco por aí que eles se assustam.

Casimiro começou a tomar conta do campo de arroz. Com o apoio que Seu Genésio lhe dera e com seus movimentos entre os lugares plantados, espantava os pássaros. De vez em quando corria para onde Seu Genésio estava, cuidando de uma coisa e outra, que não parava. Seu Genésio não repreendia. Deixava ficar, perguntando. Dentro de pouco tempo, o medo do pai desaparecera. O menino era outro. Sem doença, comendo de tudo, perguntador e pedindo ao pai:

– Pai, agora tomei conta do campo de arroz, posso ficar brincando?

– Pode, filho. Se você não brincar, não adianta tomar conta de nada. Foi só para você saber. Não precisa saber mais agora. Só depois.

Casimiro passou então muito tempo longe, na beira do rio, fazendo brinquedos de barro para o rio levar, correndo pela mata atrás de mel, passarinhando, pulando cercas e descobrindo o que há por trás de cada morro.

Ficou moço trabalhador, capaz de olhar o pai nos olhos. Firme na enxada, pôde, porém, ir aprender um pouco de carro, na oficina de Seu Ricardo, na chácara do Paraíso. Seu Ricardo conser-tava os automóveis que por lá apareciam precisando de peças feitas quase à mão. Casimiro aprendeu de tudo e acabou deixando a enxada pelo trator que manejava com carinho.

— A ribanceira perto do Cambotá?

— É, pai. Vou pegar aterro atrás da baliza. Apruma o peito que está com muita ruga no barro.

Seu Genésio caminhou para o barranco, enxada na mão. Enxada pequena, de tirar só lascas e acertar. Lembrou-se de Casimiro garoto, perto dele, saindo da oficina de carro de Seu Ricardo, entre uma estufa e alguns canteiros de azaléa. Seu Genésio de vez em quando pegava roça de empreitada, foice na mão, para tirar os caquis debaixo do mato.

— O menino está indo, Seu Genésio. Dá para a coisa.

— É bom ter em casa gente pra tudo. Se gosta das máquinas, então aprende mesmo. Trabalho direito não se põe de lado.

— Gosto, pai.

Foi naquele dia que Casimiro deixou a enxa-

da pelos carros. Vinha ver se o pai aprovava. O jeito de Seu Genésio deixou-o certo de que podia seguir seu caminho sem atrito com o velho. Seu Genésio pegava firme o roçado, num platô alto, de onde se via todo o vale embaixo. Ali só existia um pé de maçã, a primeira árvore plantada por Seu Borba, pai de Ricardo. Às vezes Seu Genésio arriscava falar, vendo o platô mais bonito da chácara do Paraíso só com o pé de maçã e as três casas lá embaixo, socadas num canto.

– Bom lugar para uma casa. Uma beleza.

– Não, Seu Genésio. Aqui não. Aqui fica o pé de maçã. Cada vez dá maçãs mais bonitas.

– Mas não precisa cortar. Tem espaço, Seu Ricardo.

– Sombreia, tira o jeito do pé.

– Mas neste mato acaba dando cobra.

– Não dá não. Cobra não entra aqui. Quantas já matou, Seu Genésio?

– Muitas, Seu Ricardo. Sou fechado, já disse. Peguei tudo lá embaixo.

– Pois é, estão cercadas lá embaixo. Aqui não sobem. E se o mato cresce, a gente roça.

– É mesmo, Seu Ricardo.

Casimiro ouvia a conversa e lhe deu uma enorme vontade de comer maçã. Foi em direção à árvore, pegou uma e comeu, sol batendo nele, na fruta.

– Menino? Que licença é esta?

Seu Genésio falava sem convicção, mais por 81

falar.

– Seu Ricardo deixa. Quer uma, pai?

– Não como fruta de onde roço, filho. Cada árvore tem seu dono.

– Nada, Seu Genésio. Esta, não. Esta não é fruteira de casa. É do mato. Maçã aqui é para pegar com a mão, mesmo. Como fez o Casimiro. Por isso é que não quero casa perto. Para que venha aqui quem vier e coma.

Seu Genésio, com esforço, e sem jeito, encostou na árvore para pegar a maçã entre as folhas. Escolheu uma, num galho mais alto, quase na ponta dos pés, mãos esticadas.

– Boa. Um gosto, Seu Ricardo.

Estava agora tirando as últimas rebarbas da ribanceira. Casimiro manejava o trator com o cuidado de quem leva gado na estrada. Amanhã seria a inauguração do posto e da escola. Cedo, quando o prefeito chegasse. Não tinha hora certa. De tarde, o time da fábrica jogaria com o time dali mesmo, da várzea, Varginha. Mistura de gente da terra com gente da fábrica. Menos gente da fábrica ou trabalhador por conta própria, como Casimiro ou Zezinho, filho de Aristides, ajudando o pai na loja da cidade. Seu Genésio guardou lembrança que ia haver missa do padre espanhol. Então, o prefeito viria cedo para a missa e ficaria para a inauguração. Falava-se mesmo que haveria almoço para os mais velhos no alto, mesas armadas, de tábua sobre pedra.

82 Já havia até lugar de cozinhar a carne e alguns



panelões para o arroz e o feijão. Jacira tinha sido chamada para ajudar. No gosto de Seu Genésio, estas coisas não entravam. Tipo quieto e retirado, criado em canto de roça de mata, encarapitado aqui e ali nas pedras. Mas era preciso, tudo aquilo aprendera. Gente não pode viver longe demais, que desgarrar e vai como vaca pro brejo. E não pode ficar junta demais, amontoada, que dá visgo.

O time da fábrica ganhava de dois a um: Rubinho Tecelão marcara os dois. Um chute de gancho que matou o goleiro, tirando-o inteiramente da jogada. Bola num cantô, goleiro no outro. O outro gol da fábrica fora cavado. Participara todo o meio-campo, e a linha. Dois chutes na trave. De Chico meio-campista de tiro violento; outro de Pedro Alegre, ponta-de-lança. A bola veio limpa para Rubinho Tecelão, descambado para a esquerda, quase sem ângulo, que enfiou uma bola de curva no ângulo de Virgulino, o goleiro do Várzea Futebol Clube. A reação do Várzea começara com a entrada de Julinho, outro filho de Seu Genésio. Isto aliviou Casimiro de se colar a Rubinho Tecelão para evitar as investidas pela esquerda. Dois minutos depois já Casimiro recebia numa tabela bonita a bola na frente, vinda de Antenor, e diminuía. A torcida do Várzea era maior, gente dali, embora os ônibus fretados pela fábrica. O Esporte Clube Industriária jogava no contra-ataque, sempre perigoso. Rubinho Tecelão se postava na frente e qualquer bola que recebia dava um enorme calor na defesa do Várzea.

Julinho, porém, marcava bem homem a homem e prensava qualquer finalização. Seu Genésio assistia e, de cigarrinho de palha na mão, punha conversa boa com Aristides.

– Acho que o Carlos está saindo mal. Não sai jogando. Isto atrapalha. O Várzea é ótimo de toque de bola.

– É verdade, Seu Aristides.

– Não é por ser meu filho, não. Mas o único que faz isto lá atrás é o Zé. Deixem ele sair que sai jogando.

– O Julinho sempre vem para receber. A jogada pela esquerda é boa.

– Vai, Casimiro. Diabo, deu mais um toque.

– Calma, Seu Genésio. Tinha de dar. Estava de perna trocada.

– Logo agora.

Ouvido no rádio de pilha Seu Aristides ouvia a Loteria Esportiva, ao mesmo tempo que acompanhava o jogo.

– Diabo. Perdi.

Seu Aristides indagou:

– A Loteria, Seu Genésio não faz?

– Que vou eu fazer com este dinheiro? Chega o que já me pedem de fruta.

– Pode ganhar com muitos, Seu Genésio.

– Posso não ganhar, ou ganhar com poucos.

Não quero não nada disto.

– Pois eu quero, Seu Genésio. Compro uma fazenda. Deixo a loja pros filhos.

– Desta vez arrepiou, não é? – disse Seu Genésio com malícia.

– O diabo deste Maguari. Também ganhar do Ceará. Time do Nacional perder pra timeco. Assim, quem vai fazer os treze?

Casimiro recebeu nas costas do becão da fábrica, tirou-o da jogada correndo em profundidade e atirou no canto, na saída do goleiro.

Houve reclamação. O Industriária queria impedimento de Casimiro. Mas o juiz, da Várzea mesmo, garantido pela maioria, correu para o centro.

– Isto, Nicanor. Não amolece, não.

Seu Genésio gritava com força. Futebol era o único momento em que perdia a calma e ficava com a paixão na boca.

Três a dois, o resultado. Casimiro recebendo a taça do prefeito, levantando-a no alto.

No ano seguinte, o Várzea Futebol Clube disputava a segunda divisão do estado. Queriam que Seu Genésio presidisse o clube. “A gente tem de ter um homem de cabeça para discutir com os homens lá embaixo. Senão, a gente perde no tapetão”, dizia Zezinho. Casimiro, de outro lado, defendia a entrada de Aristides para diretor de finanças. “Seu Aristides entende disso. Time tem de ter caixa de remédios e material. Tem de ter uma sede também. Só Seu Aristides, para fazer isto tudo.” Nenhum dos dois ainda aceitara. Mas, a maneira como tinham torcido pelo Várzea, não deixava dúvidas de que o time podia contar com eles na direção.

Seu Genésio não foi com os jogadores para a mesa dos doces e salgados. No campo, as crianças chutavam bola, ele passou entre elas cheirando a tarde de açucenas molhadas. O sol agora só tinha mesmo luz, escondido nos montes. Pulou entre as pedras da cachoeira, suas amigas há tantos anos, dali ou de outras partes. Ficou sentado lá no alto, olhando tudo, entre ramagens de água fria correndo pelos lados. Não pretendia mais do que isto. Viver assim, entrando e saindo do mundo como os dias e as noites.

## 6 Menino

Uma turma correu lá para os lados do Catachone e a outra veio vindo para o lado oposto, em tropelia. O fogo arrepiava o capim no alto das pedras. Lugar onde gente não sonhava pisar. Trepado no vento, o fogo dava um salto e subia mais na pedra. E foi subindo. No início, gente de pé olhando, curiosa de ver a pedra pegando fogo. Do outro lado, ela era lisa e, quando o fogo chegasse ao alto, por si mesmo, se apagaria. De repente, porém, o vento mudou e o fogo que restava embaixo desceu a montanha com rapidez. Árvores enormes se despencavam para espanto de todos. Logo o grupo se desfez, cada um pensando nas conse-

quências de se propagar assim. Correram para suas enxadas. Seu Genésio organizou as turmas, viu bem a direção do vento e tomou as medidas. Pouco tempo depois, o aceiro começava a ser feito. Todo braço disponível estava ali cavando.

– Nesta parte é boi morto. Não passa da terra – disse Seu Genésio, satisfeito.

Quem visse de longe não acreditava que o fogo pudesse ser contido sem água nem nada. Mas lá no meio da mata, abrindo o chão, afastando os galhos, todos tinham certeza de que o fogo não passaria do aceiro bem preparado.

Não passou mesmo. Foi atrás, voltou, tentou mais outra vez, mas só conseguiu deixar inteiramente queimada a parte entre a pedra e o aceiro. Uma ou outra árvore solteira, o resto, carvão e bicho queimado. Só se ouvia o rumor dos últimos galhos tostados. Ninguém ousara ficar ali dentro. Só os bichos pegos de surpresa ou de tocaia pelo fogo.

– Casimiro, bota gente vigiando por causa do vento. Vai chover hoje.

– A bênção, pai.

– Deus te guarde, filho.

Seu Genésio voltou para o trato das fruteiras. Tinha secado boa parte do adubo de porco e agora ia pondo nas fruteiras. Bastião, como Casimiro, o olhava, perguntando.

– Tem esterco comprado, não tem, avô?

– Tem, filho. Dá certo para quem que quer 89



tirar logo as coisas da terra. Fica tudo gasto, lavado. Ouve do velho, Bastião, guarde do velho uma coisa. Aprende com a terra mesmo. O que é dela serve para ela muito mais do que qualquer esterco feito para puxar terra depressa.

– Mas terra, dá sempre? É só plantar?

– Bastião, você sabe que não. Terra tem de descansar. Mas não esta, terra pra fruteira. Você está vendo, estou pondo esterco para elas pegarem força. Quando elas crescerem, elas mesmas estercam o chão.

– O terreno engorda, não é, avô?

– Vai ficando alto com as coisas que caem da árvore. Agora não. A chuva lava muito. Mas este esterco aqui, não.

– De quê, avô? Cocô de cavalo?

– Não, é estrume de porco, Bastião. Refresca o chão. Não deixa que o sol daqui queime a raiz.

– O ano que vem tudo isto espicha.

– De dar gosto. Como você, meu neto.

– Estou crescendo, não estou, avô?

– Pra cima, Bastião. Crescendo pra cima, crescendo pra baixo.

– Que é isto, avô Genésio? Não entendo...

– De pé maior. Pisa mais firme. Vai mais longe. Já namora, não é? Bem que vejo seu jeito com a filha do Totonho.

Bastião ficou vermelho diante do avô. Mas não negou.

– Pois é. É isto. Eu também fui do mundo. 91

Mulher não tirava farinha comigo. Gostava de me aprumar. Fui galo cedo. — É, avô. Já sei dessas coisas — disse de cabeça baixa, novilho envergonhado.

— Pois que saiba, Bastião. É assim a vida. O medo a gente enfrenta. Pior é ficar de molho.

A mangueira de enxerto tinha crescido bastante e começava a dar frutos, ainda minguidos. Árvore pequena, experimentando.

— Com o enxerto, o ano que vem dá manga-espada boa.

— Não dá manga por aqui. Dá, avô?

— Não.

— E por aqui, dá?

— Terreno soalheiro, filho. Não fica na Noruega. Sol aqui bate firme. Não se passa de chover fino e frio. Vento espalha as nuvens para lá — disse, apontando do outro lado, um pico mais alto.

Duas abelhas entraram zunindo. Abelhas dentro da terra que nem tatu. Bastião olhou, curioso.

— Este ano o pé de uva-do-pará ficou carregadinho de abelha.

— E deu bastante fruta por isso aqui. Árvore é que nem gente, filho. Tem árvore que é macho e árvore que é fêmea.

— Isto eu sei. O mamoeiro.

— E a nogueira. Olha ali as duas. A menor é macho e a maior é fêmea.

Mostrou duas nogueiras, ainda novas. Árvores que ameaçavam espichar.

— Mas às vezes as árvores são macho e fêmea

num pé só. O vento e as abelhas fazem a flor virar fruto.

Bastião estava orgulhoso do avô. Tudo o que os livros diziam sobre a terra ele sabia. E sabia de coisas que não estavam nos livros. Às vezes ele dizia algo do que tinha lido e Seu Genésio escutava. Botava a mão no queixo, enxada nos braços apoiando. Era sinal de que algo não estava muito certo. Algum tempo depois, horas, dias, semanas, meses, Seu Genésio o chamava.

— Vê aqui, Bastião. Olha. Não é bem assim aquilo que você leu. Olha com os seus olhos.

Bastião olhava para o céu, as árvores, o rio, o fogo, os bichos, as flores, as casas, o chão, naquele ponto em que Seu Genésio mostrava para deixar claro que nem sempre os livros diziam o que estava nas coisas ou na vida. O importante era ver, acostumar-se a pensar e a guardar o que via e o que pensava, para quando precisasse sentir a verdade. Bastião aprendia a olhar com os próprios olhos. “Ninguém ensina a gente a ver”, dizia Seu Genésio. “Só a gente sabe o que viu”.

Bastião ficou vendo o avô apanhar as pequenas mudas de palmito para fazer uma carreira. Pequenas mudas, ainda com a semente que ele apanhara pacientemente na mata.

— Tem de ser pequeno. Grande não pega.

Acabara de estrumar as fruteiras, enfileirava os palmitos e não parecia cansado. Trabalhar era algo natural para Seu Genésio. Trabalhava feito o

sol, precisando de descanso de noite, mas capaz de se manter sempre o mesmo de dia.

Bastião afastou-se. Hora de aula, tempo de tomar banho, almoçar e pegar o ônibus. Seu Genésio ainda ficou. Foi olhar duas mudas de pau-brasil espinhentas que tinha plantado. Como fora o seu moço que trouxera, aceitava que se chamasse também pau-brasil. Mas para ele, pau-brasil eram aquelas mudas vingadas que trouxera. Estavam ali bem perto e ele queria que o pau-brasil espinhento crescesse para saber qual a árvore mais forte e mais bonita. Gostava de medir as coisas, os gostos, só para saber quem tinha razão. Para ele, ninguém falava por falar. Ou ele ou o outro estaria certo, ou os dois estariam certos, mas o importante para Seu Genésio era tirar proveito da discussão. Aprender sempre.

Lembrava-se de uma teima que tivera com o compadre Marcelino a respeito de fogo no céu. Compadre dizia que eram almas, ele achava que não. Para ele, alma não era de fogo. Alma não se via a não ser dormindo. Mas aí a gente acordava mas não se lembrava. Ele pensava que eram partes de tempestades que vinham de longe e acabavam por cair ali em céu limpo. Foi uma teima grande que teve com o compadre Marcelino. Deu para olhar bastante para o céu, fumando o cigarrinho de palha, a ponto de Seu Genésio começar a distinguir uma estrela da outra, ele que pensava antes que eram todas iguais.

– Genésio, corra. Corra, Genésio.

Era a voz de Jacira. Saiu a correr mesmo.

– Que é, mulher? Que susto é este!

– O Pintado. O Pintado, vê o que ele fez.

Pintado era o cão de Seu Anastácio, homem bom mas largado.

– Nossa Senhora! Cruz, credo! Exclamou Seu Genésio.

Pintado tinha afastado a galinha chocadeira e comera os dezesseis ovos para serem tirados dois dias depois.

– Cachorro treinado no mal. Gente sem tino na vida. Bicho aprende também.

– Eu pago os ovos, Seu Genésio.

– Não têm paga, Seu Anastácio.

– O direito é seu de dar cabo de Pintado – disse Seu Anastácio, com lágrimas nos olhos.

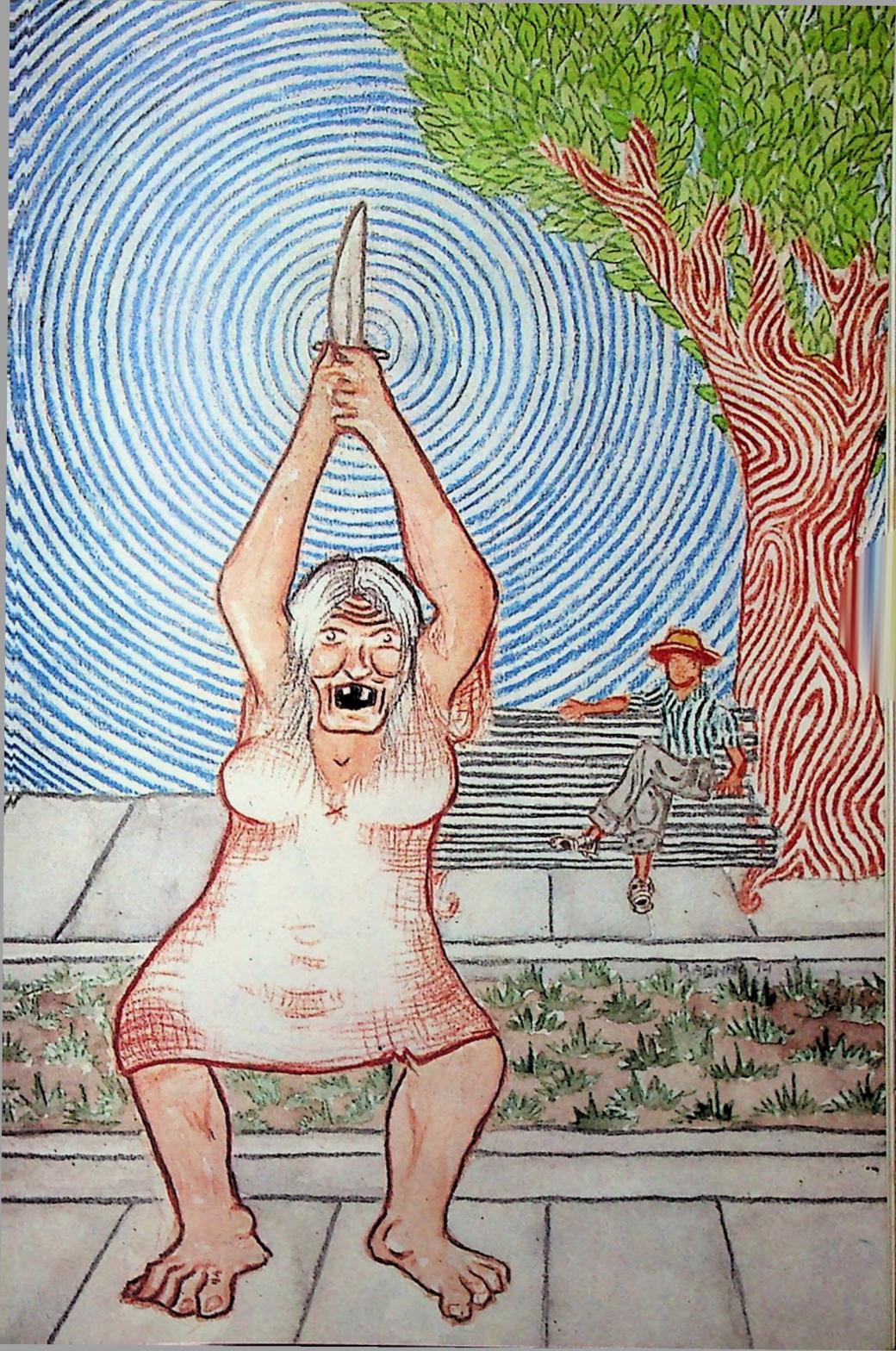
– Não dou cabo de cachorro nenhum. Muito menos do Pintado. Mas vê se aprende, Seu Anastácio. Não é de fazer graça, não.

– Me desculpe, Seu Genésio. Vou prender mais o Pintado.

– Só se acostumou assim porque precisou. Seu Anastácio saiu de cabeça baixa, cão do lado e dezesseis pintos que não tinham nascido, molhando os olhos de Seu Genésio.

Estava lá na praça da última vez que ele desceu no ônibus com Ritinha e Bastião. Nem Ritinha e Bastião deixaram de brincar só porque ela andava de lá para cá na praça, com uma grande

faca na mão, gritando algo incompreensível. A velha dos Espíritos atemorizava a quem não a tivesse visto em sua morada. Vinha sempre a pé, atravessava a estrada de asfalto, depois de ameaçar o que havia entre as pessoas na cidade. Mas não ameaçava ninguém. Seu Genésio não achava que a velha dos Espíritos ameaçasse a gente das ruas. Os habitantes antigos e as crianças pensavam o mesmo. Só gente de passagem corria depressa da faca e das palavras estranhas. A velha seguia rodando a praça, escolhendo uma rua para fazer sua proclamação solitária. Protestava sempre contra o ruído, as edificações, os sinais, a vida moderna. Seu jeito agitado contrastava com a sua caminhada lenta, sem nenhuma faca na mão, quando deixava o asfalto e pisava a terra, uma hora e pouco de caminhada. Seu Genésio a via agora, subindo a terra, em direção à sua casa antiga. Olhava para ele como uma árvore olharia para ele. Parando, dando sombra, provida de repente de uma grande tranqüilidade. Olhava para todos com que cruzava no caminho de terra. Amanhada e boa, olhava com vontade para as crianças, um olhar de lua puxando as coisas de dentro de seu sal como se fossem o próprio mar. Mas de praia quieta, macia, ampla. Dirigia-se assim para a pedreira onde morava cercada de gatos, cães, alguns morcegos, uma coruja e pássaros da manhã. Morava nas pedras mesmo, nas partes em que formavam pequenas grutas. Mais para o alto da pedreira que escalava com os seus bichos preferidos. Nada falava em pala-



vas, nem ninguém lhe perguntava mais em palavras. O que lhe davam em comida era de seus bichos. Alimentava-se de cana-de-macaco, de mato mesmo, mel, palmito, araçá, ingá, abacateiro selvagem, tudo que ela mesma procurava nas redondezas e de inúmeras ervas que Seu Genésio desconhecia para que serviam e como se misturavam. Gostava de vê-la como passava agora por ali. Ninguém sabia seu nome nem perguntava. Era a velha-dos-Espíritos, para Seu Genésio e para todos, na sua antiga casa de pedra como uma planta que tivesse se enraizado desde a semente, antes de Seu Genésio ter nascido, e misteriosamente se transformasse em gente, e por ser mesmo gente avisasse a cidade do limite das coisas.

## 7 Noitinha

Os dois estavam diante de Seu Genésio.

– Foi ele, Seu Genésio. Estava bêbado como gambá. Me desrespeitou. Bêbado na casa dele. Nem dá exemplo pros filhos. Ninguém me chama de mentiroso, de safado, assim com goela quente de cana. Palavrosos têm de provar nos fatos. Chamei-o pra estrada.

– E me esperou de pau.

– Porque veio de garrafa na mão.

– Cadê o pau?

– Olha aqui, Seu Genésio.

– Cadê a garrafa?

– Olha, Seu Genésio, o que ele ia fazendo. 99

De garrafa mesmo pra cima de mim.

Seu Genésio jogou a garrafa e o pau na vala da chuva.

– Então é verdade tudo o que disseram, não é?

– Eu não minto.

– Não estava bêbado, nada, Seu Genésio.

– Estão na estrada, não é?

Pedro Quiabo e Joãozinho olharam com espanto.

– Não queriam brigar? Pois então, briguem.

– Mas agora, Seu Genésio? Sem esquentar nem nada?

– Passe o cuspe no chão – pediu Pedro Quiabo.

– Não passo não. Mãe não tem nada com isto. Briguem os dois, se quiserem.

– Mas assim no frio não queremos, Seu Genésio – retrucou Joãozinho.

– Pois então, não briguem. Iam sujar a roupa aqui. Além disso, a ribanceira podia ficar coalhada de povo. Ser graça dos outros, não é brincadeira – concluiu.

Os dois olharam envergonhados. Estavam prestes a brigar quando houvera o incêndio. Mal o fogo apagou e voltaram a discutir. Seu Genésio ficou como juiz de quem tinha razão. Pelo menos era isto o que eles queriam. De juiz da briga. Mas a forma como ele agiu, pegou Pedro Quiabo e Joãozinho desprevenidos. Saíram de mansinho, para suas

Isto era Seu Genésio. Conselheiro mais velho de tribo entre os jacatiramas, os ingás, os araçás, os cambotás e as quaresmas da mata. Tribo de brancos, mulatos, negros, gente de toda parte, japônês inclusive, povoando aquelas terras novas. Seu Genésio, filho de português, gente do trabalho, simples, gente que fica.

O moço tinha chegado de viagem e perguntava pelas coisas.

– O bóile está funcionando, seu moço. Já o pus a ligar. Água tem bastante. Gastei no jardim, ontem, mas a caixa encheu ontem. A fonte está forte. As bananeiras, as castanhas e o vime estão puxando bem.

Ficou sentado na pedra embaixo da uva-dopará. Pegou um cacho. Mel puro. Bastião, Ritinha, Ademar, Antônio e Pedrinho, netos dali mesmo, de pertinho, vinham sempre buscar aquele mel que começava a aparecer, mas as folhas caíam. Favos curtos, feitos pelas abelhas no próprio fruto.

– Vamos dar uma volta, Seu Genésio. Quero ver algumas coisas.

Seu moço farejador. Não deixava nada sem atenção.

– Aquela mudinha da rosa-da-montanha pegou, Seu Genésio.

– Pegou, sim. Mas não conheço não.

– Dá flor. Uma flor grande. Várias ficam embaixo dos galhos. Vermelhas. Muito vermelhas.

Seu Genésio deu jeito de quem tinha imagi- 101

nado.

— Olha, Seu Genésio, tem formiga cortando esta maciela. Muda pequena assim não agüenta.

É o diabo desta formiga-mineira. É formiga-raposa, seu moço. Esperta. Tem umas que nem estão levando a isca de formicida. Pra não falar do ninho que a gente não acha.

— Está bem, Seu Genésio. Vamos tentando. Põe pó de broca em torno e a isca mais longe. Assim elas acabam levando a isca mesmo.

Foram andando por um caminho de fruteiras, mistura das mais variadas frutas. O terreno com bastante sol e frio à noite propiciava esta mistura. Viram de perto os já crescidos pés de castanha-da-ásia, puxando um ar frio em torno de suas folhas, os três pés de tamarindo, o pé de mangaba, folhas mais retas que as da mangueira. As mangueiras nesta parte começavam a crescer, sol forte, terreno bom. O açaí e a tamareira estavam de brotos novos. Mas o pé de cacau, não. Tinha perdido as folhas e não sabia o que fazer nas novas terras.

— Estas pereiras estão indo muito bem, Seu Genésio.

— Pêra de qualidade. Como a maçã. Todas de qualidade. Só o pêssego é que não presta. Seu moço já viu.

— É mesmo, Seu Genésio. Mas há dois pés já sem a força da flor. A gente enxerta nos outros uns garfos bons.

sego não vai dar.

Chegaram à parte mais alta do pomar. No outro lado da estrada. Dali se descortinavam as grandes montanhas azuis no longe.

— O caju aqui parece pinheiro, seu moço. Tá compridando mesmo. Que é isto? Isto, eu não sei.

— Castanha-do-pará. Fica árvore. Vamos ver se dá aqui. Crescendo está.

— Precisamos sulfatar estas fruteiras, seu moço. Olha como estão.

— Suja, sujo do bicho. Mas antes não é melhor dar caiação nestes pés todos? Assim o bicho não sobe. Depois se faz o resto.

Não contrariou. A razão estava com o moço.

As pinhas do pinheiro bunia-bunia não tinham nascido. Bem maiores do que as dos pinheiros dali. Devia ser um vitelo de árvore. Seu Genésio apontou para as latas. Ficava maravilhado, embora nada soubesse da Austrália de onde eram.

— As jaqueiras estão nascendo todas. Mas isto aqui eu não sei o que é.

— Umbu. Isto é umbu. Lá da Bahia, Seu Genésio. Fruta gostosa.

— Acredito, seu moço. Não dá por aqui não.

— Vai dar.

— Uma ajuda a outra.

Olharam os mergulhões de marmelo da época em que tudo aquilo era um mundo de marmeleiros. Antes de Seu Genésio ter chegado. De- 103

sentocados, cresciam.

– Fruta de mergulhão vai rápido.

– É marmelo do bom, seu moço. Não se vê mais disso.

O gavião-de-pasto passou procurando caça. Bicho pequeno e barulhento. Seu Genésio olhou para os pintos por perto. O gavião não se arriscaria.

– Muito cuidado com o sol-da-bolívia. Difícil de crescer aqui. Vai compensar o trabalho, Seu Genésio. Dá rosas deste tamanho.

Mostrou o tamanho das enormes rosas que cobririam toda a árvore.

– Eu por mim nunca vi disto. Maior que a dália mesmo.

– Bem maior.

Duque, embaixo do abacateiro, espiava tudo. Noites e dias nunca iguais debaixo de sol e de lua. Comia de tudo, não era cachorro luxento, comedor de carne, que nem havia ali. Fubá mesmo, arroz, milho, não deixava prato com resto. Tinha suas manhas o bicho. Não gostava de carro ou ônibus. Corria sempre atrás. Ninguém podia saber porque não ficava sob as rodas. De nada adiantava Seu Genésio treinar. Era rixa mesmo. Rixa antiga, de cão pequeno, que fica assustado e guarda. Os carros tinham assustado o cachorro e ele agora tentava pegar o estranho bicho de rodas que quase o atropelara. Quanto mais o ônibus, grande, ocupando a estrada de barro às vezes de lado a lado.

nésio foi mostrando as fruteiras. A formiga que tinha dado no pé de romã. Mostrou como estavam pegados e de broto novo o mangustã, o pé de ameixa-do-peru, o damasco, a avelã, o cambucá e a gabioba. A árvore-do-beija-flor, difícil de pegar, plantada em tempo de sol, começava a enraizar. Mostrou a pinguela nova e ele mesmo se espantou quando mostrou o riacho. Há alguns anos, nada mais havia ali que barranco e vala de chuva. Agora o riacho corria sobre pedras escavadas, encachoeiradas, descendo o monte até o rio maior na beira da estrada de asfalto. As açucenas estavam crescendo. No outro ano já dariam flor e o cheiro seria bom e forte. Naturalmente Seu Genésio foi percorrendo o terreno, seu moço do lado, Duque à distância, procurando sombra de árvore.

— Terra boa, esterçada. Fez-se aqui uma roça de milho há dez anos. De lá para cá se fez capim. O mato entranhou na terra. Aqui vai dar bom fruto.

Olhou para os ipês, os flambuiaãs, os jacarandás-mimosos, as extremosas que estavam crescendo. Dentro de algum tempo as flores brancas, rosas, avermelhadas, azuis, acompanhariam as flores das acácias e quaresmas, misturando-se aos pinheiros do bosque. Tudo aquilo muito diferente do que tivera em Amparo. Árvores da terra, cambotás, jacatirão, candeia, pau de muita qualidade, e a roça de milho, inhame, feijão e arroz nos lugares alagados. Nada assim bonito de dar gosto. Para Seu Genésio

aquilo era uma sorte, ver crescer tanta árvore diferente, uma a uma, cuidada como criança pequena, sem distinção. Ali, ingá e maçã, pêra e araçá levava esterco igual sem nenhuma idéia de preço da fruta. Seu moço não queria plantar para vender, que não adiantava. Pouca terra para fazer dinheiro com fruta. Mas terra boa para misturar o que andava espalhado pelo mundo.

Da porta da casa, sentado, Jacira lavando a louça, Seu Genésio via a lua desarrumando as nuvens de chuva que chegavam da serra. Lua cheia, grande. Chegavam em bando mas a lua cheia logo metia a cara de novo na noite. Algum tempo depois, nenhuma nuvem mais veio. O céu ficou azul, pintadinho de estrelas.

O nhambuaçu cantou na mata. Logo, outros responderam como vaga-lumes. Mata cheia de nhambuaçus. Estavam aumentando de novo, proibida a caça dos homens. Passando no rastro da lua de repente, na beira da mata, Seu Genésio viu a irara. Corria para a Capoeira em busca de caça. Cão feio, desacostumado com homem, parecendo mais galho de árvore. O corpo do bicho. A irara correu dando guinchos raivosos, sem que Seu Genésio se incomodasse. Passou por perto, e entrou no mato de cipós e árvores baixas. Seu Genésio ficou pensando na vida dos bichos dentro da mata. Nada ali dentro estava parado, e, no entanto, de longe a mata parecia muito quieta. Apenas de vez em quando um vento atormentava as árvores, mas para

quem olhasse parecia que tudo ficava calmo embaixo das árvores empoleiradas nas grandes pedras. Nem mesmo as pedras se viam à distância. Seu Genésio achou que as árvores acalmavam as coisas. A cidade lá embaixo sempre parecia estar arranhando, movendo as coisas umas de encontro às outras, porque tinha aniquilado as árvores. As árvores davam calma. Por isso, os homens lá embaixo andavam tão assustados. Sem as árvores, pensou Seu Genésio, o perigo ficava mais perigoso.

Jacira lavara as panelas. Sentada na cadeira perto da porta, linha e agulha na mão, remendando, mãos já sem marca do sujo da lenha. Pegava o pano com delicadeza. Mais velha, muito mais velha em aparência, como as mulheres dali. No entanto tinha uma força, uma vontade de fazer as coisas que era dela mesma. Não sonhava o que não podia, mas sonhava. Sonhava pouco como quem não quer ousar muito. Mas em verdade tinha os seus sonhos. Não podia, porém, esperar que chovesse sem nuvem no céu. Dependia do que estava fora dela para viver, o que ela sabia muito bem disto. Enquanto costumava ia vendo Seu Genésio no batente, sentado, cigarro de palha na mão, olhando tudo em torno, com os olhos espertos. Muitos e muitos anos juntos, tempo distante, ela mocinha, ele guapo, bom na enxada e no galanteio, apanhando água no poço comum. Galanteio fino, quase sem palavra, palavra de cumprimento só, mas olhar quente. Na missa, bastava olhar de lado, e lá estava ele entre a devoção

do padre e ela, Jacira. Às vezes chegava mesmo a ficar desatento à missa, de tanto procurá-la com os olhos. Só se satisfazia quando ela se voltava mesmo de leve. Parecia então ter ele sentido para si o interesse de Jacira e se aquietava.

— O Seu João vai fazer o batizado da Carminha no outro domingo. O filho quer. Deram a menina pra gente batizar.

— A gente aceita, Genésio. Tem mistura boa. Sangue que se mistura faz bem.

Jacira lembrou-se de Genésio sentado na tendinha, tocando violão com os outros. A parte dos homens e mulheres à-toa mais para o lado, cortina rasgada na frente. Ela chegava e pedia a Seu Custódio, café, pão, açúcar, qualquer coisa, Seu Genésio logo silenciava qualquer ruído, com uma canção bonita e respeitosa. Todos sabiam que era hora de respeito. Hervão, mulato forte cruzado com índio, quis aventurar-se um dia a tentar sorte ali mesmo na tendinha. Respeita ela, ouviu Genésio dizer, pondo o violão de lado. Passava das seis, hora de roçado em sossego e papo em tendinha. Noite caía. Hervão, provocado, deu em si. Tentou puxá-la para dentro do cercado como novilha. “Êta, espera, safado”, gritou Genésio. “Mulher sem dono é minha. Não se meta.” Ela só viu quando foi empurrada por Hervão com força para fora e as cortinas rasgaram-se de vez. Briga de homem. Ninguém desapartou. Ela de fora, tremendo de medo de sair na noite que já caía. Hervão jogava a mão fechada de encontro a Genésio

que se esquivava e parecia fugir. “Não foge, seu cabra-mole. Pau-de-quaresma.” Hervão estava irritado. Parecia que iria acertar de vez Seu Genésio. O que seria dela, Jacira. Lembrou-se como tremia de medo e sorriu. Confiava muito pouco na astúcia e força de Genésio. Ou não sabia. Hervão já suava sem acertar Genésio uma só vez. De repente, entre as cortinas rasgadas e mesas quebradas Genésio atacou. Foi não só como se Hervão tivesse perdido a força. Foi como se Genésio tivesse ficado guardando a sua. De tal forma atacou que tiveram de tirá-lo de cima de Hervão derrubado e sangrando, sem que ninguém pudesse entender como caíram assim feito galho brocado. Estava tão assustada Jacira que Seu Genésio foi levá-la até sua casa. Passaram a namorar este dia mesmo. E se casaram lá na roça de Amparo. — Seu João contou que o afilhado fugiu de casa. Lá do Rio. O pai queria pegar pra castigo brabo. Veio dar aqui. — Aquele menino magro, olho de gato. — Esse mesmo. Veio dar aqui. Escondeu-se dentro do caminhão. Andou até a barreira. Ouviu conversa. Pegou caminhão pra cá. O pai correu logo pra casa de Seu João.

— Agarrado com Seu João, o menino.

— De pai errado — ficou pensativa, fez uma pausa. — Mas o pai é que é pai mesmo.

— E o pai, levou o menino?

— Levou. Mas antes teve de prometer a Seu João que não iria bater mais. Eu cheguei lá na hora. Se o pai não promettesse, acho que o menino não

iria. Fugiria dali mesmo. – Gente má, disse Jacira.

Jacira, na costura. Seu Genésio pensando em criança. “Criança é a gente mesmo pequeno”. Achou uma maldade que batessem em miúdo. Nunca viu bicho na mata batendo em filho. Quando isto chegava a acontecer, ou era bicho criado com homem, ou a mata mesmo tinha sido invadida e os bichos caçados. Bicho perseguido perde a paciência.

– Gente má – confirmou Seu Genésio, olhando para o céu.

\*

Seu Genésio olhou para o outro lado da estrada. O grande pinheiro, o cambotá envelhecido e o carvalho. Assomavam o campo de mata rasa, antigo pasto. Árvores sem medo, árvores antigas, árvores dali, do tempo de outros homens, de outro homem talvez mais forte. Quem tinha animado as árvores de crescerem assim? O sol forte, a terra boa, o estrume de gado pastoreado, mas também o desejo de que fossem cuidadas pelo homem. Como teria sido quem esteve ali antes, dono de tudo aquilo, fazendendo, flores, cavalos, bois, milho, feijão. Ele não sabia. Vivia lá nas terras de Amparo. Só tivera notícias de que aquelas três árvores tinham sido guardadas por Seu Teodorico, dono daquelas amplidões, em toda volta dos morros, até o alto. Cuidado de pai para filho, para filha, o do homem com as árvores. Morreu de sina de homem, morte

que não deixa de vir, mas as árvores estavam ali e por elas ele podia pôr imaginação. Podia ver o rosto do homem, olhando firme para a frente, mãos na crina de cavalo negro, correndo pelos pastos, parando sempre, em cada árvore, para olhar as terras, o cavalo e ele mesmo, como a gente de Praia Grande cuida de três ilhas durante a viagem para olhar o mar, o barco e as coisas de marinheiro.

— O que estaria ele deixando? Bastião, Rirtinha, Casimiro, cada filho, cada neto? Fora esta sua vida? Ou estaria deixando cada planta que plantara, cada pedra que pisara? Os bichos que com ele tinham vivido até hoje não ficaram nele? Não se lembrava com susto do grito de Mimi na madrugada arrancado das pernas pelos cães caçadores? Não se lembrava também dos bichos que tinham com ele vivido e com ele tinham morrido, como Totó, cão negro, que saltava para o alto, para pegar alguma coisa no ar e trazer para terra, e que Seu Genésio não via e nem sabia o que era. Estaria Jacira indo com ele? Estaria na hora dele saber o que havia por trás do sol e além da lua? Que mão fazia o sol se deitar sobre a terra? Que força fazia a lua subir devagar sem que a noite pudesse desfazê-la? Para onde ele estava indo quando fechasse os olhos? Estava quase chegada a sua hora e ele sentia que se lembrariam dele. Não se lembrariam dele só no retrato, só nas pessoas parentes que o tinham visto. Lembrariam dele no lugar mesmo, nas coisas do lugar, no que tinha deixado ali com suas mãos, seus

pés, sua enxada, seu trabalho. Cada gosto de fruta tinha os serões que fizera com cada fruteira miúda, madrugada cedo. As árvores guardam tudo nas folhas. Ele estaria vivendo nelas mesmo que lhe fosse dado escolher um outro caminho depois. Mesmo em outro mundo, como dizia Jacira, nunca mais se esqueceria dali. Porque ali ele, Seu Genésio, tinha vivido.

Seu Genésio conservava. Trazia o olho bem aberto para as mazelas do mundo. Bebia. Não arrepiava corrida não. Bebia do bom. Mas nada de tendinha. Não gostava de conversa amarela. Conversa de desmatamento, de busca de peles de bicho, de roça besta, nisto ele não estava. Nem queria a experiência de capataz vendo gente assinando livro com cruz, livro de dívida braba, livro de muita cachaça bebida. Doía o coração ver aquela gente gastando do óleo, cuspiendo fogo, mas sem comprar nada, nadinha de leite para as crianças. “A gente precisa para agüentar. Sem nós, os pintos não vivem”. E ainda era o que procuravam explicar, na fazenda Santa Rita, de patrão bom, que punha leite a preço de água e cachaça a preço de vinho. Seu Genésio não queria ver aquele livro cheio de dívidas, pinga tomada sempre, enquanto o leite ficava nos latões, sem que ninguém viesse buscar. Só obrigado, de cara feia. Ele assim fizera um dia. Obrigara a que gastassem uma parte em leite para que o tomassem em cachaça. Mas isto só no pagamento da primeira semana. Já na segunda, tinham ido empenhar o pagamento na fazenda do Morro Azul em troca

de cachaça sempre. Dinheiro que nem tinham e que complicou as coisas ali. O jeito foi deixar as coisas como estavam. Vender cachaça e não guardar quase leite pra colono. "Podia ser diferente" – pensou Seu Genésio, olhando para o céu. Não entendia por que as coisas eram assim mas sabia que pódiam ser diferentes. Seu Genésio conservava. Ele procurava as coisas nas suas raízes sem nenhum medo de aprender com a vida. Cheio de mazelas o mundo. Doenças ruins. Doença que remédio de casa não curava. Que o Posto de Saúde ficava bestando, sem saber o que dar. "Só na cidade". E como ir para a cidade? Caboclo pobre que nunca saíra da toca. O jeito era consolar a família, cuidar do defunto, dar ajuda às crianças. Este remédio, Seu Genésio tinha nos olhos, nas mãos, na boa vontade. Seu Genésio conservava. Tinha vivido e podia dar.

\*

Jacira costurando. Anos vividos juntos. Fogão, lenha, água de rio, banho de rio, cama de mulher que vem de noite aproveitar seu homem. Mulher de verdade. Poucas palavras, quase nenhuma palavra passando pelos dias. Mas como tinham falado! Sabiam sentar nas pedras e olhar as árvores. Sabiam olhar a chuva molhada de vento. Sabiam olhar a chuva, chuva, chocar as galinhas, espiar os porcos engordando, dar folha de cipó para os coelhos. Sabiam fazer tantas coisas juntos que as palavras só vinham 113

como tempero. “O guapuruvu é uma árvore muito bonita” – pensou, olhando por trás da sombra de Jacira. Viera de semente e já passava o barranco. Quantas árvores ele veria de semente e crescendo? Tinha sido dura a vida mas aquele canto o deixava feliz. Gostaria de ver tudo assim. Não só aquele pedaço de terra. Mas partes no mato, no chão roído, na terra seca. Gostaria de ver terreno tratado pra todo lado. Muitos não tinham o dinheiro para cercar, comprar sementes, remédios pros bichos. Mas tanta gente não fazia nada disto porque não queria mesmo, isto ele aprendera. Queria reclamar e só isto. Seu Genésio olhou o guapuruvu e depois olhou pra mais nada. Seus olhos foram pesando e devagar, como uma criança, Seu Genésio dormiu de sono ali mesmo. A rede ficou bulindo na porta da casa. Jacira saiu da sombra devagar e pôs o pano branco de cobrir de noite. Seu Genésio nem se moveu. Deixou-se ficar ali mesmo, pegando vento e lua, e silêncio.

Sonhou com tempos duros. Roça de milho e feijão. Ele era um menino. Menino forte. Com a cara de Casimiro e a pele de Bastião. Ia correndo, correndo, e começava de repente a andar devagar. Adiante da roça de milho, atravessava um riacho. Seu pai estava em pé na margem, enxada na mão. “Deus te guarde, meu filho.” “Deus te guarde” – disseram todos. O riacho era agora um grande rio. Havia muita gente na margem. Jacira costurava uma

abandonadas. A árvore estava muito bonita, parecia um jacarandá-mimoso, de tronco largo e flores de um azul de céu. As flores davam coladas no tronco como jabuticabas. “É o teu barco” – disse Jacira, jogando a árvore no rio. Ela saiu do chão como uma ave e as raízes entraram na água. Só ficou de fora a copa como um ninho azul e bonita, chamando Seu Génésio menino para a viagem. Lá estavam na margem mano Nestor, Aristides, Seu João, o padre espanhol, Anastácio, gente do povaréu, gente que nem ele conhecia. “Deus te guarde, Génésio”, repetiu o pai, enxada na mão, olho no rio. “Deus te guarde, Génésio”, repetiram todos. De repente, ele sentou num salto na balsa azul, e afundou macio, olhando em torno. O sol ficou mais claro e na margem estavam muitos bichos, sem que ele soubesse como tinham aparecido. As pessoas estavam ao lado de Jacira e pegavam madeira leve e trançavam. “Os bichos querem ser salvos”, gritou seu pai. “Você os leva, Génésio.” “Eu? Mas para onde? Não sei para onde eu vou.” “Vai levar o sal. Vai plantar adiante o que colheu aqui. O que aprendeu de mim. Vai aprender de si.” Dizendo isto, seu pai e o outro jogaram n’água várias canoas trançadas entre si. Os bichos pularam das margens e a água se fez ruidosa e estranha. “Adeus, meu pai. Adeus para todos. Mas eu volto. Esperem, que eu volto.” “Deixa os bichos e as plantas por onde for. É tua missão. É teu batismo”. “Adeus, meu pai” – disse Seu Génésio partindo com as canoas pelo rio tão largo e 115

forte que já não mais se viam as margens.

Seu Genésio acordou com a luz da lua dentro do olho. Parecia a garça da canoa mais próxima. Que beleza se pudesse levar aquele rebanho de todos os bichos, rio abaixo, até outras terras. Contou o sonho para Jacira.

— Sonho não mente. Isto foi feito e se fará. Bastião, Casimiro e você, Genésio, são um menino só. Vida se aprende com gente que viveu.

\*

Seu Genésio pensou na morte. Na sua morte. Será que o sonho era seu enterro? Arrepiou-se todo. Mas era enterro bonito. De morte bem morrida. De gente que sabia viver. E podia ser aquilo também. O que seu pai dizia no sonho de uma maneira muito mais difícil. Mas seu pai, simples, sempre aparecia nos seus sonhos de homem lhe falando assim. Talvez isto mesmo. Se ele tivesse aprendido as coisas, falaria assim. Sabia muito, o velho. De viver.

— Jacira, estou com uma vontade danada de chorar.

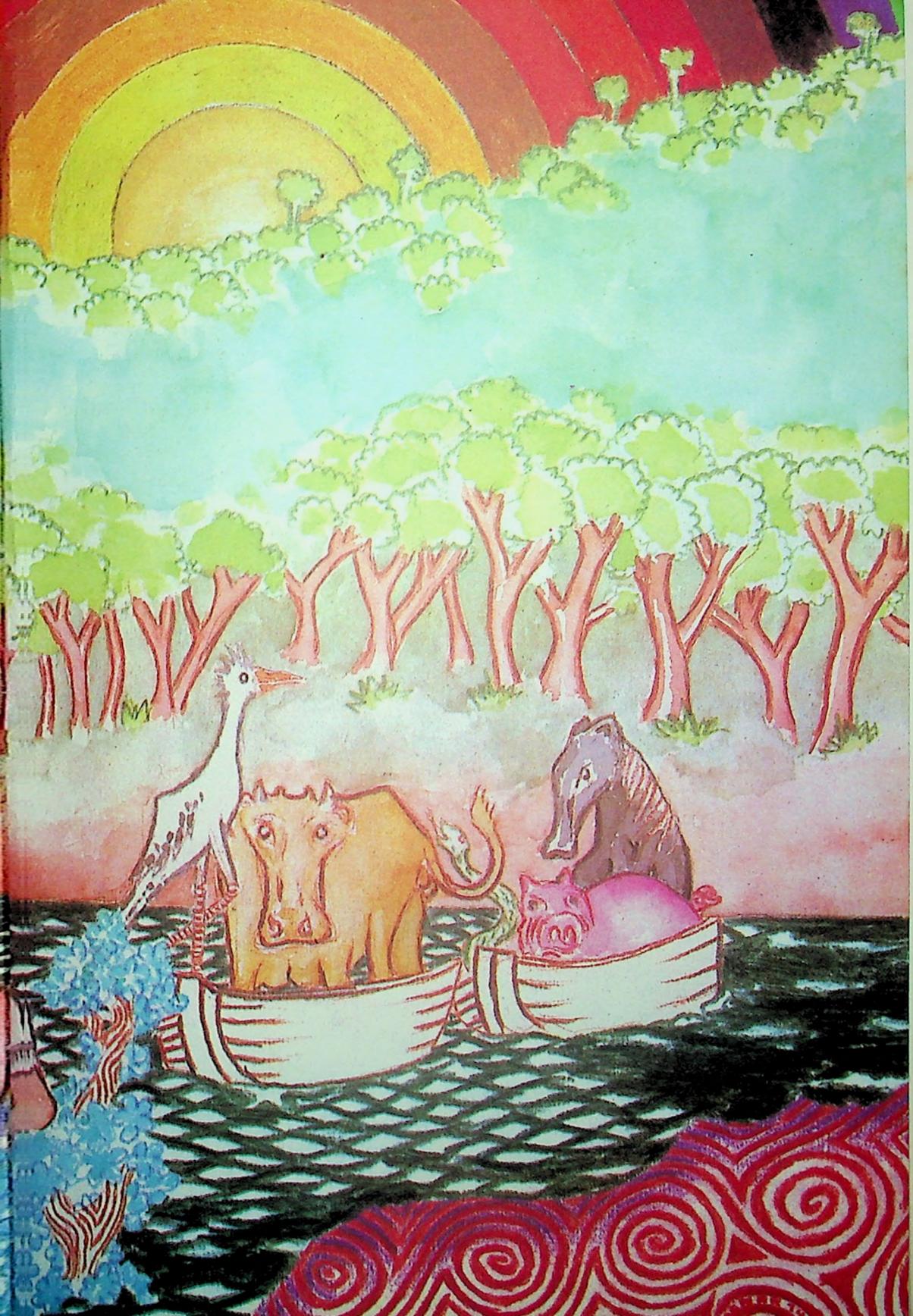
— É, a gente, Gê. A gente precisa disso. A gente não é forte mesmo.

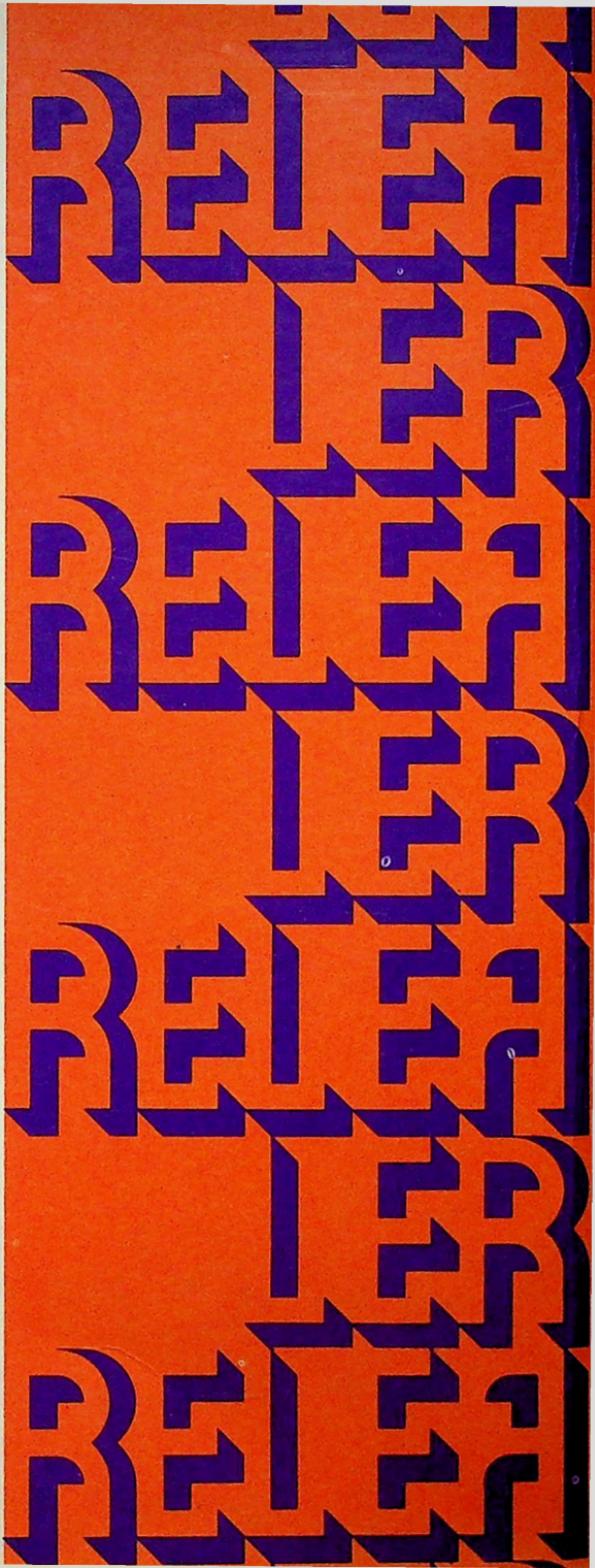
— Não sou mesmo, Jacira. Só agüento enxidão, a roça. O resto é uma fraqueza só. Choro e rio por tudo. E nem escondo. Uma fraqueza boa,

- Árvore é assim. Bicho é assim.
- Mas deu de ser feio rir e chorar.
- O mundo muda, se quer mudar. A gente, não. Já estamos velhos, Gê.
- E nem que não fosse.

O sentimento de ter passado um longo tempo de vida ficou muito claro de repente. Não era aquela a mesma lua? Não, não era. Igual a muitas luas cheias. Mas Seu Genésio sabia que não era. O vento, a cor do céu, as nuvens, o cheiro, tudo dava um jeito diferente nas coisas e a lua ficava diferente. E o olho de Seu Genésio não era o mesmo. O que ele estava sentindo agora, ele só tinha sentido ali. O sentimento de não ter vivido por acaso, de não ter plantado milho e feijão por acaso. Havia sempre um rio por perto, onde Seu Genésio viajava todos os dias, com os bichos e as plantas, em direção ao mundo onde o sol nasce.







Cr\$ 13,00



mobral